

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS  
CAMPUS VENDA NOVA DO IMIGRANTE

**SABRINA BAPTISTA DA SILVA**

**BLACK MUSIC E O EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO**

VENDA NOVA DO IMIGRANTE

2021

SABRINA BAPTISTA DA SILVA

**BLACK MUSIC E O EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO**

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Letras-Português do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito parcial para a obtenção do título de “Licenciatura em Letras – Português”.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Tatiana Aparecida Moreira.

VENDA NOVA DO IMIGRANTE

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Venda Nova do Imigrante)

---

S586b Silva, Sabrina Baptista.

Black music e o empoderamento feminino negro. Sabrina Baptista Silva.  
– 2021.

65 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Tatiana Aparecida Moreira.

Monografia (graduação) – Instituto Federal do Espírito Santo, Curso de  
Licenciatura em Letras Português, Venda Nova do Imigrante, 2021.

1. Black music. 2. Empoderamento feminino - Negro. 3. Sociedade. 4.  
Análise. I. Moreira, Tatiana Aparecida. II. Instituto Federal do Espírito Santo.  
III. Título.

---

CDD 23 – 305.4

Elaborada por Adriana Souza Machado – CRB-6/ES – 572



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CAMPUS VENDA NOVA DO IMIGRANTE

ANEXO V

**FORMULÁRIO DE PARECER DA APRESENTAÇÃO FINAL DO TCC II**

O(A) discente Sabrina Baptista da Silva

Apresentou a versão final do TCC com o título **Black Music e o Empoderamento Feminino Negro** ao Curso de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo – Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito para aprovação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso.

O trabalho obteve nota 100,00, com o seguinte parecer:

Aprovação, sem reservas, do Trabalho de Conclusão de Curso.

Aprovação somente após satisfazer as exigências pré-determinadas, no prazo fixado pelo Regulamento (não superior ao término do período letivo).

Reprovação o Trabalho de Conclusão de Curso.

**Assinatura do(a) Orientador (a)**

.....  
**Assinatura do Avaliador (a) I\***

.....  
**Assinatura do Avaliador (a) II\***

\* Preencher somente se houver banca examinadora.

Venda Nova do Imigrante, 15 de junho de 2021.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus, que me deu forças e sabedoria para realizar esse trabalho. Aos meus professores, que com toda paciência sempre se mostraram solícitos a retirar minhas dúvidas e mediar meu ensino. Além disso, minha infinita gratidão à minha família e amigos que sempre acreditaram em meu potencial e me encorajaram a buscar a minha melhor versão, de construir novos conhecimentos.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>17</b>
4.1	VISÕES SOBRE O FEMINISMO .....	17
4.2	O CÍRCULO DE BAKHTIN .....	20
<b>5</b>	<b>ANÁLISES</b> .....	<b>25</b>
5.1	ANÁLISE DA MÚSICA: “RAÍZES” .....	25
5.2	ANÁLISE DA MÚSICA: “MULHERES NEGRAS” .....	34
5.3	ANÁLISE DA MÚSICA: “NÃO PRECISA SER AMÉLIA” .....	44
5.4	SEMELHANÇAS ENTRE AS CANÇÕES .....	50
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>
	ANEXO A: LETRA DA MÚSICA “RAÍZES” – (NEGRA LÍ PART. RAEL) .....	57
	ANEXO B: LETRA DA MÚSICA “MULHERES NEGRAS” - YZALÚ .....	59
	ANEXO C: “NÃO PRECISA SER AMÉLIA” – BIA FERREIRA.....	61
	ANEXO D: OLHOS COLORIDOS – SANDRA DE SÁ .....	63
	ANEXO E - “AI QUE SAUDADES DA AMÉLIA” – MARIO LAGO E ATAULFO ALVES .....	64

## RESUMO

Esse trabalho objetiva, de forma geral, embasado por pesquisas bibliográficas, analisar músicas de cantoras negras, a fim de examinar como o empoderamento feminino negro é tratado nas letras, mostrando as diferenças e semelhanças entre as canções, sendo elas pertencentes às seguintes cantoras: Negra Li, Yzalú e Bia Ferreira. Tendo como fundamentação renomadas teóricas mulheres pertencentes ao movimento feminista negro, e que lutam pela valorização da mulher perante a sociedade, sendo elas: Djamilia Ribeiro (2014, 2016), Lélia Gonzalez (1984), bell hooks (2015), Joana P. Pinto e Suzana C. Bandan (2012) e Jacicarla S. da Silva (2009), além das contribuições do Círculo de Bakhtin (1997, 2006), observou-se que todas as canções apresentam muitas características comuns, mesmo sendo produzidas por cantoras diferentes e de gerações diferentes, retratando o empoderamento feminino através do discurso, pondo em debate a história dos antepassados negros no período escravocrata, e atribuindo valor à cultura e à beleza negra.

Palavras-chave: Empoderamento feminino negro. Valorização negra. Música e resistência.

## **ABSTRACT**

This work aims, in general, based on bibliographic research, to analyze songs by black singers, in order to examine how black female empowerment is treated in the lyrics, showing the differences and similarities between the songs, which belong to the following singers: Negra Li, Yzalú and Bia Ferreira. Based on the renowned writers women belonging to the black feminist movement, and who fight for the valorization of women before society, being: Djamila Ribeiro (2014, 2016), Lélia Gonzalez (1984), bell hooks (2015), Joana P. Pinto and Suzana C. Bandan (2012) and Jacicarla S. da Silva (2009), in addition to the contributions of the Bakhtin Circle (1997, 2006), it was observed that all songs have many common characteristics, even though they are produced by different singers and different generations, portraying female empowerment through discourse, bringing to the debate history of black ancestors in the slave period, and attributing value to black culture and beauty.

Keywords: Black female empowerment. Black appreciation. Music and endurance.

## 1 INTRODUÇÃO

A valorização da mulher perante a sociedade é uma luta histórica. Os movimentos feministas, que tiveram início desde o século XIX, tinham como um de seus principais objetivos acabar com o sistema patriarcalista que vigorava na época, em que as mulheres eram submissas aos homens, sendo destinadas apenas a cuidar de seus maridos ou pais, casas e famílias. Silva (2009) discorre sobre o assunto no seguinte trecho:

Sabe-se que a presença da mulher brasileira na vida pública começa de maneira efetiva no início do século XX. No Brasil, até 1916 o Código Civil considerava as mulheres como “menores perpétuos sob Lei” (apud Pinto, 1990, p.34). Em outras palavras, elas ficavam sujeitas à vontade dos homens (marido ou pai). (SILVA, 2009, p. 41)

Pelo fato de se sentirem menores e inferiorizadas, começaram a busca pelo direito de fazerem parte da sociedade e de todo o processo histórico de evolução da mesma e, assim, conseguiram diversas conquistas refletidas até os dias atuais, como o direito ao voto, direito à educação, ao trabalho etc.

Porém, é cabível ressaltar que a maioria das feministas que lutavam pela igualdade de gênero eram brancas, pertencentes à classe nobre e com nível superior de escolaridade e, pela falta de representatividade, essa luta acabou não suprimindo a necessidade das mulheres de forma coletiva, deixando de dar “vez” aos problemas voltados para classe baixa da sociedade, em que se enquadram mulheres negras e brancas pobres. Esse fato é retratado na obra de Ribeiro (2016):

[...] A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que essa mulher não tenha seus problemas sequer nomeados. E não se pensa saídas emancipatórias para problemas que sequer foram ditos. A ausência também é ideologia. Muitas feministas negras pautam a questão da quebra do silêncio como primordial para a sobrevivência das mulheres negras. [...] (RIBEIRO, 2016, p. 101)

Sendo assim, torna-se ainda mais difícil a luta pela igualdade dos direitos de mulheres negras, que além de sofrerem com o racismo - marcas deixadas pelo período escravocrata -, são inferiorizadas e oprimidas pela dominação machista, tendo sua cidadania ainda mais violada. Seu gênero e, principalmente, sua cor, a torna (a mulher negra) duas vezes mais vulnerável na sociedade e isso dificulta a busca por soluções para os problemas sociais que a afeta, como o racismo, desigualdades sociais,

desigualdade de salário, ausência de participação na política, entre outros, devido ao fato de a dominação ser predominantemente branca, rica, masculina e discriminatória.

A partir desse breve histórico de lutas, mas também de invisibilidade, principalmente, da mulher negra, este trabalho visa despertar um olhar mais atento para os problemas enfrentados pelas mulheres negras e, para dar maior representatividade e espaço dentro do meio acadêmico, busca-se analisar letras de músicas de grandes artistas negras da *Black Music*, sendo elas Negra Li, Yzalú e Bia Ferreira, que, a partir de suas vivências e contexto social, dão voz, por meio da música, aos problemas que cotidianamente muitas mulheres suportam, principalmente, as que residem em periferias, fomentando maior empatia para com a luta feminista negra. Além disso, as cantoras mencionadas possuem altos números de visualizações no YouTube, demonstrando o interesse que as pessoas possuem em ouvir suas músicas.

Para melhor fundamentar e basear os argumentos aqui expostos, foram utilizadas as contribuições das seguintes autoras que abordam conceitos sobre o feminismo e o racismo: Djamilia Ribeiro (2014, 2016), Lélia Gonzalez (1984), bell hooks (2015), Joana P. Pinto e Suzana C. Bandan (2012) e Jacicarla S. da Silva (2009). Além dessas teóricas, também utilizamos os estudos do Círculo de Bakhtin (1997, 2006) que abordam conceitos que envolvem o gênero do discurso, atitude responsiva ativa e exotopia/excedente de visão. Sendo assim, as teóricas e os teóricos aqui mencionados embasaram e possibilitaram a realização das análises a serem feitas.

Objetiva-se, de forma geral, analisar músicas de intérpretes negras, a fim de examinar como o empoderamento feminino negro é tratado nas letras, mostrando as diferenças e semelhanças entre as canções, sendo elas pertencente às seguintes cantoras: Negra Li, Yzalú e Bia Ferreira. Busca-se apresentar quais são os discursos sobre empoderamento feminino negro desenvolvidos nas músicas, além de discorrer sobre a importância da valorização da mulher negra.

Dessa forma, espera-se que essa pesquisa contribua para a conscientização sobre o respeito que as mulheres negras necessitam, dando maior visibilidade ao discurso do empoderamento, que significa dar voz e representatividade ao gênero feminino na sociedade, sendo o empoderamento a principal ferramenta discursiva para unir os pensamentos feministas em prol de um bem coletivo, que priorize todas as mulheres,

sem distinções de classe social ou de cor. Ademais, são selecionadas cantoras que utilizam a música como forma de resistência, suscitando uma maior percepção da importância que a figura feminina negra representa, além de cooperar no entendimento de como o racismo afetou e ainda afeta os direitos da mulher.

Sendo assim, esse trabalho está dividido nas seguintes seções: Metodologia, exemplificando como o trabalho buscou se desenvolver; Revisão de literatura, apresentando obras de autores que se propuseram a escrever sobre a *Black Music* e sua importância para o empoderamento feminino negro; Referencial Teórico, abrangendo os tópicos: “Visões sobre o feminismo” e “O Círculo de Bakhtin”, apresentando textos de renomados autores que embasam teoricamente as análises das músicas; Análises, seção em que se encontram disponíveis as análises das canções objetivadas por essa monografia, além da apresentação do tópico: “Semelhanças entre as canções”, discorrendo sobre as características comuns presentes nas canções analisadas, e, por fim, as “Considerações finais”, apresentando aspectos relevantes da pesquisa e o que se pode compreender a partir das análises feitas.

## 2 METODOLOGIA

Esse trabalho caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório ou qualitativo, que Gil classifica da seguinte forma:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (SELLTIZ et al., 1967, p. 63 *apud* GIL, 2002, p. 41)

Compreende-se que este consiste em um trabalho que visa construir seus argumentos a partir de um diálogo entre as obras de escritores e escritoras que discorrem sobre a temática do feminismo negro, sendo assim caracterizado também como qualitativo por tratar de assuntos que envolvem o contexto social, ou seja, a mulher negra e sua posição no meio social.

Para a realização do levantamento das obras estudadas na revisão de literatura, foi utilizada a ferramenta Google Scholar, por abranger uma grande quantidade de textos, tais como artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Ademais, teve-se como norteadoras as palavras-chave “empoderamento e língua portuguesa” e “música e feminismo na língua portuguesa”, estabelecendo relação dos textos que compõem a revisão de literatura com a temática trabalhada e compreendendo melhor a escolha dos textos dentro da área desejada, que é a língua portuguesa.

Além disso, foram selecionadas três músicas (Negra Li: “Raízes” - Participação de Rael, Yzalú: “Mulheres Negras” e Bia Ferreira: “Não precisa ser Amélia”) para análises dos discursos empregados. O acesso às canções se deu por meio da plataforma YouTube, por ser esta uma das ferramentas que possibilita maior acesso a diferentes obras musicais com variadas temáticas, incluindo o “feminismo negro”, que se constitui como foco dessa pesquisa.

Para a escolha das músicas, também foi utilizada como requisito a quantidade de visualizações que as canções apresentam, sendo todas criadas a partir do ano 2000 (“Raízes”: 432 mil visualizações; “Mulheres Negras”: 283 mil visualizações; “Não

precisa ser Amélia”: 1,5 milhões de visualizações. Todos esses dados foram coletados em datas diferentes pela plataforma do YouTube, podendo os números sofrerem alterações de acordo com o aumento de visualizações). Essas letras demonstram as vivências do cotidiano, a situação social imposta pela sociedade sobre a mulher negra. Além disso, a desigualdade de gênero também foi um fator que contribuiu para a escolha do assunto desta pesquisa e das canções utilizadas. Sobre a questão de gênero, como aponta a Revista Retratos, em uma entrevista com Barbara Cobo Soares, representante do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

O IBGE já tem um histórico na exploração do tema. Toda pesquisa domiciliar que a gente desagrega por sexo, homem/mulher, já é o primeiro passo para você fazer uma análise de gênero, porque gênero é mais do que a questão biológica. São os papéis esperados de cada sexo numa sociedade: o que fazer, o que cursar, comportamentos, uma série de coisas. Na Síntese de Indicadores Sociais nós exploramos o tema principalmente no mercado de trabalho, que é o maior foco de desigualdade de gênero no país. O Brasil já superou o gargalo da educação, porque hoje as mulheres são mais escolarizadas do que os homens, mas isso ainda não está refletido no mercado de trabalho - e aí entra uma série de outras questões, porque a análise de gênero perpassa diversos temas. Então você tem que olhar não só a inserção dela no mercado de trabalho. Ela está chegando mais escolarizada, então por que o rendimento ainda não está similar? Muito provavelmente ela está escolhendo ocupações que precisam de uma jornada de trabalho mais flexível porque ainda tem a carga de afazeres domésticos extremamente pesada, ainda muito colocada sob responsabilidade das mulheres. Ou a questão da violência, que talvez é a lacuna mais importante aqui no IBGE de estudo, mas que a gente está correndo atrás para suprir. (SOARES, 2019, n.p)

As observações destacadas explicitam que a mulher é desvalorizada na sociedade e associada às responsabilidades com os afazeres domésticos, sendo esta uma visão muito antiquada, já que essa função é atribuição de ambos os sexos, afinal todos fazem uso do domicílio. Assim, as mulheres podem e devem conquistar seu espaço merecido e, assim como os homens, são seres pensantes e com diversas qualidades que não devem ser diminuídas, especialmente no que se refere a uma mulher negra, que sofre com esses rótulos impostos pela sociedade duas vezes mais, em virtude do racismo vivenciado até os dias atuais.

Sendo assim, esta pesquisa foi realizada a partir de estudos e pesquisas de autores que já se debruçaram em analisar a forma como as mulheres negras são estigmatizadas pela sociedade, facilitando, assim, os diálogos pertinentes ao estudo do tema já mencionado, além de contribuir para a construção da consciência cidadã e da valorização que a mulher negra necessita.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesse capítulo, são abordados autores que buscam discorrer sobre o feminismo e como ele é apresentado na *Black Music*, sendo esse gênero musical uma representação da cultura negra, retratando em suas letras características dessa cultura. Além disso, esse tipo de canção foi utilizado pelos negros no período escravocrata, como bem aponta a revista “Raça”, no texto “A origem da Black Music”, de Oswaldo Faustino (Adaptação web: David Pereira):

A diáspora africana não só se encarregou de espalhar negros e negras escravizados pelas colônias inglesas, espanhola, francesa, portuguesa e holandesa, nas Américas, mas também as culturas de suas variadas etnias. A música sempre fez parte da vida do africano. Para cada momento da vida havia um tipo de canção. Recordar as canções de seus povos era uma forma tanto de não se perder o elo com a própria origem, quanto abrandar os sofrimentos da escravidão. (FAUSTINO, 2016, n.p)

Nessa perspectiva, a música também representa um meio de se discutir assuntos que, em sua grande maioria, são silenciados pela opressão e, como um exemplo, temos a *Black Music*, que neste trabalho contribui para fundamentar as análises sobre a visão distorcida que a mulher possui na sociedade.

Assim, durante essa produção, vamos dialogar com os seguintes textos: “Representação da figura da mulher no gênero musical Hip Hop/Rap brasileiro” (2016), de Dayanna de Oliveira do Nascimento e Silvain Félix dos Santos; “Vozes das mulheres periféricas nas rimas de rap” (2017), de Janaína de Jesus Lopes Santana e Regina Coeli Machado e Silva; “Causando um tombamento: Karol Conká e uma negritude empoderada possível” (2018), de Maria Beatriz dos Santos Barros e *Pensamento feminista negro* (2019), de Patrícia Hill Collins, sendo que esses artigos e livro trazem muito conteúdo para ser explanado e elucidado nas análises das letras musicais.

O artigo “Representação da figura da mulher no gênero musical Hip Hop/Rap brasileiro” (2016), de Dayanna de Oliveira do Nascimento e Silvain Félix dos Santos, discorre sobre como a mulher é retratada nas letras de *Hip Hop/Rap* do Brasil, chegando à conclusão de que ela sempre está ligada ao sexismo. Além disso, as autoras fazem diversas críticas e análises sobre as letras do gênero musical citado, além de usar as mesmas letras para exemplificar seus argumentos, buscando

desmistificar a ideia de que a mulher é “sexo frágil” ou que sempre deve ser submissa ao homem.

Para a fundamentação do texto das escritoras foram utilizadas obras de autores renomados na área da linguística, como José Luiz Fiorin (“Linguagem e Ideologia” - 2007), Michel Pêcheux (“Semântica e discurso: uma crítica ao óbvio” – 1995), entre outros, contribuindo significativamente para a compreensão da visão que a sociedade impõe sobre a mulher, como destacam no objetivo do artigo, que consiste em observar como a mulher é apresentada nas canções de Rap tendo embasamento teórico de autores do meio linguístico. (NASCIMENTO e DOS SANTOS, 2016)

Outro texto muito interessante e que segue a mesma ideia do artigo de Nascimento e Santos é: “Vozes das mulheres periféricas nas rimas de rap” (2017), de Janaína de Jesus Lopes Santana e Regina Coeli Machado e Silva, que também criticam a forma como o gênero musical descreve a mulher e, ao mesmo tempo, buscam fazer uso do *Rap* como uma ponte para o feminismo, utilizando como referência *Beauvoir* (“*O segundo sexo*” – 2009), *Ergas* (“*O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980*” – 1995) e entre outros escritores. Além disso, dão maior foco para as mulheres periféricas que escrevem rimas e fazem do gênero uma forma de resistência e de falar da realidade feminina que é oprimida, como no trecho a seguir:

Como contrapartida, após 2000, com a expansão do estilo musical nas rádios e grandes mídias como a televisão, o rap foi crescendo em seu alcance e muitas mulheres que faziam a rima puderam ter uma certa visibilidade, construindo rimas que refletem suas condições como mulheres e permitindo a debate de problemáticas como gênero, feminismo, aborto, relações homoafetivas e violência contra a mulher. (SANTANA; SILVA, 2016, p. 326)

Essa afirmativa permite constatar que é notável como o *Rap* e outros gêneros, que se encaixam na denominação *Black Music*, podem se tornar aliados extremamente importantes na luta, não somente do feminismo negro, mas de outras diversas problemáticas enfrentadas pela população, entre elas o racismo, pois retratam, em sua grande maioria, a realidade das pessoas que vivenciam essas situações e que acabam sendo silenciadas pela burguesia. É através da música que se pode dizer o “indizível”, aquilo que a classe dominante deseja deixar “debaixo do pano”, e o *Rap*, por sua vez, apresenta essa característica muito peculiar, que envolve ritmo musical e uma carga de conteúdo significativa que, quando aliados, estimulam a reflexão

sobre a vida e a condição enquanto cidadãos, de uma forma bastante agradável e apreciativa.

Maria Beatriz dos Santos Barros, em seu artigo: “Causando um tombamento: Karol Conká e uma negritude empoderada possível” (2018), busca tecer análises muito parecidas com o que se almeja neste trabalho. Ela analisa os videoclipes da cantora Karol Conká, fazendo uso também da plataforma YouTube, a fim de observar como a cantora aborda as questões voltadas para o empoderamento negro, os recursos utilizados nos vídeos para a valorização da negritude, conforme a escritora pontua, baseando-se nos estudos de Simone Pereira de Sá (2016), Diana Taylor (2013), Nogueira e Domingos (2017), e demais autores que discorrem sobre a valorização da cultura negra, sobretudo através das plataformas digitais.

Para Barros, Karol Conká traz em seu trabalho uma representação do espaço que a mulher negra merece, principalmente pelo fato de que, através do YouTube (Ambiente no qual a artista se destaca), é possível alcançar diversas mulheres negras e mostrar o valor que todas possuem, contribuir para o realce da beleza que já é pertencente as mesmas (a partir de propagandas de maquiagem, produtos capilares, etc.) e, muitas vezes, por opressão da sociedade, tendem a modificar sua essência, sua naturalidade, para se encaixarem nos padrões aceitos, como a pesquisadora explica em seu texto.

Além disso, Patrícia Hill Collins, grande escritora sobre o Feminismo Negro, assim como Angela Davis e bell hooks – conforme apresentado no livro de Collins -, também compõe a revisão de literatura deste trabalho com seu texto: *Pensamento feminista negro* (2019), expondo questões muito plausíveis para a compreensão desse empoderamento que é retratado por Barros no artigo anterior, utilizando Maria W. Stewart (1831) como fundamentação teórica:

Até quando as nobres filhas da África serão forçadas a deixar que seu talento e seu pensamento sejam soterrados por montanhas de panelas de chaleiras de ferro?, indagou Maria W. Stewart em 1831. (1831 apud COLLINS, 2019, p. 3)

Com esse pensamento de Stewart (1831), Patrícia Collins critica a forma que a mulher negra é inferiorizada na sociedade, sendo reduzida sua importância aos afazeres domésticos e deixando de lado talentos que poderiam ser postos em prática, fato

motivado pela falta de oportunidade proveniente das raízes históricas de um contexto de escravidão, em que a mulher não tinha voz e muito menos vez, como diz o velho ditado.

Contudo, todas as mulheres merecem e devem ter o direito de ser quem quiserem ser, pois cada uma possui suas particularidades, seus talentos, seus sonhos e não é uma sociedade preconceituosa e racista que deve limitá-las na busca por seus objetivos. Tem-se voz e vez como nunca e a quebra do silenciamento é um pontapé inicial para a conquista de todos os direitos que um dia foram negados pela dominação burguesa.

Dessa forma, todos os textos que aqui foram apresentados são de extrema relevância para o desenvolvimento das análises pretendidas, pois contribuem para que haja maior diálogo de ideias sobre o tema dessa produção, fazendo com que a partir da visão do outro seja possível criar discursos enriquecedores e bem fundamentados para as análises, principalmente por se tratar de autores com uma grande bagagem de conhecimento.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

Os escritores/autores que serão utilizados, são divididos em dois grupos, sendo o primeiro: “*Visões sobre o feminismo*”, voltado para a compreensão do que é o feminismo em sua forma geral e a relevância de se criar um feminismo preocupado com as relações étnicas e raciais e o segundo: “*O Círculo de Bakhtin*”, que contribuirá para entendermos de forma mais técnica a importância e o papel fundamental que o discurso possui para esses movimentos. Todos os teóricos mencionados servirão de suporte para os argumentos que aqui serão desenvolvidos, contribuindo para o embasamento do trabalho.

### 4.1 VISÕES SOBRE O FEMINISMO

Lélia Gonzales é uma renomada autora que servirá de base para os argumentos deste trabalho, considerando que se trata de uma importante escritora e “influencer” para o movimento feminista negro, já que foi a primeira mulher a incentivar a criação desse grupo de resistência negra feminina e dar maior visibilidade para as questões relacionadas à mulher afrodescendente.

Segundo o site “Literafro”, podemos compreender um pouco mais sobre as causas pelas quais Lélia Gonzales buscava reivindicar, como apresentado no trecho a seguir:

[...] fundou em 1978, na cidade de São Paulo, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR, sigla mais tarde reduzida para MNU), que em seu manifesto denunciava a falácia do mito da democracia racial, reivindicava o fim da violência e da discriminação sofrida pelos negros cotidianamente, além de exigir políticas públicas em benefício da comunidade afro-brasileira. [...] (LITERAFRO, 2020, p. 01)

A partir do trecho mencionado, é notável que Gonzales foi uma figura de extrema importância para o movimento negro e para a conscientização do valor que o negro possui para a sociedade, utilizando sempre o discurso como um caminho de educação para a enaltação da raça negra que, por muitas vezes, é taxada como a parcela da sociedade que não merece respeito ou participação nos assuntos democráticos desenvolvidos pela população.

Djamila Ribeiro, autora da obra: “*Feminismo negro para um novo marco civilizatório*” (2016) e “*Quem tem medo do feminismo negro*” (2014), busca retratar a importância

de se falar sobre o feminismo negro, de dar voz às mulheres que são oprimidas e não possuem o devido respeito e representação na sociedade de forma merecida, como é apresentado em um dos trechos de sua obra “Feminismo negro para um novo marco civilizatório” (2016):

Pensar como as opressões se combinam e entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se pensar outras possibilidades de existência. Além disso, o arcabouço teórico-crítico trazido pelo feminismo negro serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as próprias mulheres negras, categoria também diversa, mas também sobre o modelo de sociedade que queremos. (RIBEIRO, 2016, p. 100)

Podemos compreender a partir das palavras de Djamila Ribeiro, fundamentada por grandes ativistas do feminismo, que a mulher negra conhecendo seu “lugar de direito” na sociedade, quebrando o silenciamento, retratando as adversidades e desvalorizações que as mulheres negras vivenciaram e ainda vivenciam todos os dias, é uma forma de contribuição e conscientização de uma sociedade que valorize as conquistas históricas obtidas, como é o caso da abolição da escravatura, do direito da mulher atuar na sociedade como cidadã, entre outros, ajudando no desenvolvimento intelectual dos indivíduos que, por conta da discriminação racial, têm seus conceitos e valores estagnados, deixando de lado o amor ao próximo.

bell hooks<sup>1</sup>, autora da obra: “*Mulheres negras – moldando a teoria feminista*” (2015), comenta sobre o trajeto histórico vivenciado por todas as mulheres, detalhando como o movimento surgiu, por que surgiu e quais deveriam ser as mudanças para que a mulher negra possua valor e representatividade na sociedade.

Em seu outro livro: *Ensinando a transgredir- A educação como prática da liberdade* (2013), hooks aborda que o desejo da mulher branca querer ser superior à negra é um dado histórico, que perpetua até os dias atuais:

[...] Naquela época, até a branca pobre que jamais teria condições de contratar uma empregada negra afirmaria, em seus encontros com mulheres negras, uma presença dominadora, garantindo que o contato entre os dois grupos sempre colocasse as brancas em posição de poder em relação às negras. [...] (HOOKS, 2013, p. 128)

---

<sup>1</sup> bell hooks<sup>1</sup> - determina o uso de seu nome em caixa baixa, por querer dar visibilidade às suas obras e não ao seu nome, sua imagem.

Observa-se que, mediante o contexto histórico de escravidão e racismo, as mulheres brancas acabavam visualizando as negras como concorrentes, sendo isso também explanado no texto da estudiosa, o que conseqüentemente ocasionava um sentimento de “ódio” entre as mulheres, principalmente pelo fato de que as mulheres negras eram cobiçadas pelos homens brancos (sendo obrigadas a viver constantes cenas de violência e abuso sexual), acarretando ainda mais o espírito de competitividade e falta de empatia umas pelas outras, pois as mulheres brancas nada faziam para acabar com a situação abusiva que as negras sofriam. (HOOKS, 2013)

Jacicarla S. da Silva, assim como bell hooks, também irá trazer o contexto histórico do feminismo em sua obra: “Panorama da crítica feminista” (2009), trazendo com maior clareza quais eram os objetivos dos movimentos feministas desde o século XIX até os dias atuais, retratando quais eram suas preocupações e como as reivindicações dos direitos das mulheres foram mudando com o passar do tempo.

O artigo da autora discorre que, durante muitos anos, a mulher esteve à mercê do homem e isso era pautado por lei, enquadrando a mulher como: “Menor perpétuo”: “No Brasil, até 1916 o Código Civil considerava as mulheres como “menores perpétuos sob Lei” (*apud* Pinto, 1990, p.34)” (1990 *apud* SILVA, 2009, p.41), ou seja, tanto o marido quanto o pai poderiam decidir a vida da mulher, incluindo decisões sobre como se portar, vestir, em suma, o que deveria e o que não deveria fazer. Algumas mulheres radicais, insatisfeitas com dada situação, decidiram reivindicar os direitos das mulheres e, a partir disso, com muita garra, determinação e “sangue derramado”, conseguiram conquistar os direitos que hoje todas usufruem e, muitas vezes, não dão o merecido valor (como achar desnecessário ter que debater sobre o machismo).

Joana P. Pinto e Suzana C. Bandan, escritoras que também fazem parte do embasamento desse escrito, contribuem significativamente para o entendimento do poder que o discurso tem para a representação do feminismo, sendo possível observar isso no seguinte trecho do texto de autoria delas: “Feminismo e as identidades no cerne dos princípios de pesquisa” (2012), onde citando Costa (1994, p.72) as autoras lembram que “o gênero e a linguagem existem *internamente* um ao

outro. A linguagem é constitutiva da subjetividade, e os esforços voltam-se para a elaboração de teorias do sujeito”.

O gênero e a linguagem estão internamente imbricados e uma melhor análise dessa relação acontece quando se reconhece que não somente os mecanismos sociais e políticos são determinantes das desigualdades entre homens e mulheres, mas, também, os atos linguísticos que performatizam tais mecanismos [...] (BUTLER, 1997, 1998 *apud* PINTO e BANDAN, 2012, p. 134)

As autoras discorrem sobre a importância de se construir um discurso persuasivo, para que, dessa forma, as pessoas tomem posse das ideias que tentam ser passadas, sendo isso uma das grandes ferramentas utilizadas pelo feminismo.

Dessa forma, as autoras que compõem essa seção contribuem para que se possa entender melhor o que foi e o que é a luta feminina negra, além de apontarem a extrema relevância que o discurso possui para a resistência negra, sendo isto, uma das mais importantes ferramentas para quebrar o silenciamento e agir na construção do empoderamento negro, além de favorecer a conscientização do papel fundamental que a mulher possui na sociedade.

#### 4.2 O CÍRCULO DE BAKHTIN

Mikhail Bakhtin, grande estudioso da área da linguística, possui pesquisas de extrema importância para a compreensão do discurso. Sendo assim, vários outros analistas, juntamente com esse renomado escritor, formaram um grupo de pesquisa intitulado “O Círculo de Bakhtin”, que buscava entender de forma mais aprofundada o que é o discurso. “Utiliza-se a expressão Círculo de Bakhtin porque, para além do pensador Mikhail Bakhtin (1895-1975), as formulações e as obras são produto de reflexão de um grupo que tinha a participação de diversos outros intelectuais”. (MOLON e VIANA, 2012, p.146)

A questão das assinaturas e da *composição* do Círculo tem variado do extremo da negação intelectual de V. N. Volochínov (1895-1936), P. Medvedev (1892-1938), I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1934), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov (1899-1934), I. Sollertinski (1902-1944), B. Zubakin (1894-1937) às dúvidas em torno da autenticidade de determinadas ideias e conceitos considerados genuinamente bakhitianos (BRAIT & CAMPOS, 2009 *apud* MOLON; VIANA, 2012, p. 146)

Dessa forma, é possível observar que o grupo possuía diversos autores que, baseados nas reflexões conjuntas, procuravam trazer discussões válidas não somente para compreender a língua, mas também o mundo, pois a partir do momento em que olhamos a percepção de mundo do outro e as reflexões do outro, compreendemos a vida e a língua sob um olhar diferente, com um significado diferente, como Bakhtin buscava discorrer (MIOTELLO, 2020).

As obras de Mikhail Bakhtin são carregadas de conhecimento, o que leva a observar o discurso de uma perspectiva muito ampla, como é apresentado a seguir:

[...] Bakhtin expõe bem a necessidade de uma abordagem marxista da filosofia da linguagem mas ele aborda, ao mesmo tempo, praticamente todos os domínios das ciências humanas, por exemplo, a psicologia cognitiva, a etnologia, a pedagogia das línguas, a comunicação, a estilística, a crítica literária e coloca, de passagem, os fundamentos da semiologia moderna. Aliás, ele possui de todos esses domínios uma visão notavelmente unitária e muito avançada em relação a seu tempo. (YAGUELLO, 2006, p.14)

Pode-se observar que apesar de Bakhtin ter realizado suas pesquisas há cerca de um século atrás, suas reflexões representam e servem de aprendizado até os dias atuais, contribuindo para o entendimento da língua como “um todo”, ou seja, observando todos os fatores que a afetam – aspectos culturais, sociais etc.-, seja direta ou indiretamente.

Bakhtin ainda discorre sobre o conceito de gêneros do discurso, explicando que para haver comunicação verbal, é necessária a presença de um locutor e um ouvinte, sendo que essa relação proporcionará o movimento de significações, ou seja, a desenvoltura de diversas formas de dar sentido a um determinado discurso.

Ademais, Bakhtin conceitua os gêneros do discurso com as seguintes palavras:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela

especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. [...] (BAKHTIN, 1997, p.279)

Sendo assim, a utilização da língua se dá em diferentes formas de enunciados, sejam eles escritos ou orais, com características únicas que representam especificamente quais “integrantes da esfera da atividade humana” a usam. Dessa forma, como o estudioso aponta, o enunciado é composto por três recursos da língua, que indicam as “finalidades e condições específicas” de cada uma das esferas da atividade humana, sendo eles: “o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional”, que unidos representam o “todo do enunciado”, caracterizando os gêneros do discurso.

Sendo assim, Bakhtin e seus demais parceiros que compõem o Círculo, desenvolvem o conceito de “atitude responsiva ativa”, que está intimamente ligada ao ouvinte, que recebe o discurso:

[...] De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. [...] (BAKHTIN, 1997, p. 290)

Portanto, é possível compreender que a atitude responsiva ativa representa a interpretação que será desenvolvida pelo ouvinte no ato da comunicação, a resposta dada pelo mesmo ao concordar ou discordar de determinado discurso, ou seja, é a representação da significação/sentido que o ouvinte atribui ao discurso dado pelo locutor, como o escritor apresenta em seu texto.

Assim, na obra *Estética da Criação Verbal* (1997), com tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira, podemos compreender melhor, entre outras questões apresentadas, o

que Bakhtin diz a respeito da importância da exotopia/excedente de visão para o discurso:

O “super-homem” existe — mas não no sentido nietzschiano de ente superior; sou o super-homem do outro, como ele o é de mim: minha posição exterior (minha “exotopia”) me dá o privilégio de vê-lo como um todo. Ao mesmo tempo, não posso agir como se os outros não existissem: saber que o outro pode ver-me determina radicalmente a minha condição. A socialidade do homem funda-lhe a moral: não na piedade, nem na abstração da universalidade, mas no reconhecimento do caráter constitutivo do inter-humano. Não só o indivíduo não é redutível ao conceito, mas também o social é irredutível aos indivíduos, ainda que numerosos. E pode-se imaginar uma transgressão que não se confunda com a superioridade pura e simples, que não me conduza a transformar o outro em objeto: é aquela que se vive nos atos de amor, de confissões, de perdão, de escuta ativa (BAKHTIN, 1997, p. 324-325).

É possível observar, com base nas ideias do autor, que o discurso está presente no cotidiano das pessoas e é através dele e da interação entre os indivíduos falantes que se criam ideias, conceitos e que, conseqüentemente, acabam sendo passados de um para outro. A visão do outro contribui para a compreensão das diversas formas de interpretar e dar significado ao mundo, além de quebrar o individualismo que, às vezes, nos impossibilita de ressignificar as coisas.

Outrossim, é cabível aqui explicar aquilo que Bakhtin descreve como “cotejo”, que seria uma forma de dialogar com diferentes vozes e visões, para, assim, podermos criar nossas próprias ideias. É a partir do discurso empregado pelo outro, em contato com as ideias que já temos constituídas, que podemos criar um “outro-eu”, com visões mais abrangentes. (MIOTELLO, 2020).

Dessa forma, para se compreender a língua é de extrema relevância primeiramente saber como o discurso é construído pelo ouvinte. Observar que a partir do que se é enunciado há a possibilidade de construir diversas formas de sentido, variadas significações, além do fato de que a interação com o outro, - essa relação entre locutor e ouvinte mediante o discurso-, viabiliza a criação de novos seres, novos pensamentos, sejam eles a favor ou contra determinada enunciação, como as leituras nos proporcionam entender.

Sendo assim, O Círculo de Bakhtin aponta discussões que são de suma importância para a compreensão de como o discurso - que é a principal ferramenta de empoderamento- é construído e como a sua relação com o ouvinte é importante para a construção de ideias, pois é mediante a interação com o outro, tendo contato com o

discurso do outro, que se desenvolvem visões a respeito de determinados assuntos. Ou seja, o outro contribui para as construções de ideias do eu e, por isso, nesta pesquisa faz-se necessário dialogar com autoras e autores que escrevem sobre a importância do discurso para o empoderamento feminino negro, justamente para contribuir com visões diferentes sobre a temática e fundamentar os argumentos das análises.

## 5 ANÁLISES

Nesse capítulo, serão realizadas as análises de três músicas, sendo elas: “Raízes”, de Negra Li ft. Rael; “Mulheres Negras”, de Yzalú e “Não precisa ser Amélia”, de Bia Ferreira. Após as análises serem concluídas, ao final do capítulo serão realizadas considerações sobre as semelhanças ou diferenças encontradas nas três canções, visando observar a temática do empoderamento da mulher negra.

### 5.1 ANÁLISE DA MÚSICA: “RAÍZES”

A música “Raízes” é uma composição pertencente à cantora Negra Li, com participação do cantor Rael e conta com um quantitativo de 430 mil visualizações na plataforma YouTube (dados coletados no dia 27 de abril de 2021). Na canção, é retratado todo um contexto histórico de escravidão, fazendo alusão à contemporaneidade, isto é, apresenta uma reflexão a partir de um contexto histórico escravocrata já existente. Além disso, vale ressaltar que a cantora (Cujo nome verdadeiro é Liliane de Carvalho) é pertencente à geração do rap dos anos 1990 e, desde a sua infância, sempre esteve ligada à música, contribuindo significativamente para o empoderamento feminino negro com suas letras, assim como apresenta o site Purepeople, em sua biografia.

A relação que a voz discursiva apresenta, entre passado e presente, justifica aquilo que Bakhtin descreve como atitude responsiva ativa, pois os assuntos tratados na canção, que são sobre a escravidão, racismo, inferiorização do gênero feminino etc. são temáticas recorrentes há anos e muito debatidas, o que possibilitou a criação de uma posição, um discurso contra esse tipo de desvalorização da cultura negra com o uso da música.

O primeiro trecho da música (sinalizado como “Música 3”) inicia fazendo contextualização com outra canção, intitulada “Olhos Coloridos” (representada como “Música 4”), da cantora e compositora Sandra de Sá:

#### **MÚSICA 3:**

Você ri da minha pele  
Você ri do meu cabelo  
Saravá, sou sarará, e assim quero sê-lo (quero sê-lo) [...]

## MÚSICA 4:

[...] Você ri da minha roupa  
 Você ri do meu cabelo  
 Você ri da minha pele  
 Você ri do meu sorriso

A verdade é que você  
 Tem sangue crioulo  
 Tem cabelo duro  
 Sarará crioulo [...]

Observa-se que ambas as músicas retratam o preconceito vivenciado pelos negros, quanto ao seu fenótipo, caracterizado pelo cabelo crespo e a pele negra. Portanto, a voz discursiva, presente na música 3, ressalta a importância de reconhecer o “sará”, resignificando a palavra que, sendo utilizada por um discurso preconceituoso, carrega um sentido depreciativo do fenótipo negro, tentando representar o tipo de cabelo como algo ruim. Porém, assim como explanado, não somente a música 3, mas também a música 4 buscam retratar o “sará” como uma forma de resistência, de qualificação e um traço único da beleza negra.

“Raízes” apresenta um discurso muito forte sobre a valorização da cultura negra, sempre fazendo dialogismo com o período de escravidão:

[...] Já é tempo de sonhar, superar o pesadelo  
 Ninguém mais vai nos calar e acorrentar o meu tornozelo  
 Sou Rainha de Sabá  
 A coroa é o meu cabelo  
 O meu canto milenar  
 Ninguém pode interrompê-lo [...]

O trecho enfatiza e sugere a luta constante para superar o “pesadelo”, palavra esta que remete todo o sofrimento vivenciado pelos negros e negras que eram reprimidos, calados e viviam com os tornozelos acorrentados para que não fugissem dos cativeiros dos donos das grandes fazendas. Prosseguindo, a letra apresenta a “Rainha de Sabá”, que segundo pesquisas presentes no Portal São Francisco, descritas por Martos (2021), era uma rainha negra muito nobre, de grande beleza, riquezas, que teve a curiosidade de conhecer o rei Salomão<sup>2</sup>, sem nenhuma intenção,

---

<sup>2</sup> Rei Salomão - Fazia grande obras e governava o povo de Israel a mando de Deus, como é apresentado nas sagradas escrituras.

simplesmente para saber se Salomão realmente era o mais sábio de todos, sabedoria esta, provinda de Deus.

Após a comprovação da sabedoria do rei e depois de tê-lo presenteado, a rainha retorna ao seu reino e nunca mais se têm notícias dela. Porém, Martos (2021) ainda descreve que, passados cerca de mil anos, a rainha foi elogiada por Deus, simplesmente por sua simplicidade e não ter desejado as riquezas de Salomão ou mesmo tentado fazer com que ele se apaixonasse por ela e, conseqüentemente, deixasse de seguir seu Deus - como outras mulheres acabaram fazendo, segundo a Bíblia.

Sendo assim, pode-se concluir que o trecho da música que diz: “[...] Sou Rainha de Sabá, minha coroa é meu cabelo [...]”, exalta a beleza negra, além da relação empregada entre do objeto “coroa”, que possui significado de poder entre os reis, e cabelo que remete ao poder a partir do “sará”, de não ter vergonha de assumir suas raízes.

O refrão da canção apresenta uma crítica muito bem elaborada (fazendo o uso de um ditado popular), para realizar um comparativo entre a dor experienciada pelos negros, sendo ela violenta, imposta sob métodos de tortura, e a “dor de cotovelo” que as demais pessoas (os brancos) sentem, e que, quando comparadas, remontam toda uma ideia de racismo, justamente pela diferença de “dores”:

[...] Minha dor é de cativoiro  
A sua é de cotovelo  
Minha dor é de cativoiro  
A sua é de cotovelo [...]

Nota-se, que a letra busca discorrer sobre a tortura que os negros escravizados sofreram durante o período de escravidão. É justamente nos cativoiros que aconteciam as maiores crueldades contra os escravos, além de presos também eram torturados caso desobedecessem aos senhores brancos e, como para tal crueldade não existe explicação, a letra se dispõe a dizer que tudo isso era mera “dor de cotovelo”, ou seja, inveja alheia, com intenção de diminuir uma raça e elevar a outra, apontando que a dor vivida pelo negro jamais será comparada a essa dor pelo branco.

Sobre essa diferença de dores vividas por negros e brancos, bell hooks (2015) apresenta uma crítica ao pensamento feminista da atualidade, demonstrando que há diferenças entre os problemas enfrentados por mulheres brancas e mulheres negras, até mesmo nos grupos que deveriam lutar de forma coletiva:

[...] Frequentemente, as feministas brancas agem como se as mulheres negras não soubessem que a opressão machista existia até elas expressarem a visão feminista. Elas acreditam estar proporcionando às mulheres negras “a” análise e “o” programa de libertação. Não entendem, não conseguem sequer imaginar, que as negras, assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações de opressão, muitas vezes adquirem uma consciência sobre a política patriarcal a partir de sua experiência de vida, da mesma forma com que desenvolvem estratégias de resistência (mesmo que não consigam resistir de forma sustentada e organizada). [...] (HOOKS, 2015, p.203)

Diante dessa fala da autora, é possível observar que mesmo os grupos feministas tendo em sua composição mulheres brancas que lutam por causas relacionadas à igualdade de gênero e, até mesmo por questões raciais, de fato o “bem coletivo” não é alcançado com êxito, o que se explica justamente pela diferença de “dores”. A mulher branca não vivencia cotidianamente a opressão gerada sobre a mulher negra, que a silencia e a faz criar “estratégias” para suportar diariamente essa desvalorização. Não que as mulheres brancas não sofram, mas se é para lutar pelos direitos femininos negros, nada melhor que uma mulher negra quebrar o silenciamento e lutar pelo seu espaço, pautando nessa ideia a importância do feminismo negro, já que esta vive na pele essa sensação de “inadequação social”.

O seguinte trecho, mais uma vez, retorna com a questão da resistência negra, tema que é muito discorrido durante toda a canção, o desejo de sempre lutar pela igualdade, pelo direito de ter voz e representação na sociedade:

[...]Temos a cor da noite, filhos do açoite, tipo Usain Bolt  
 Ninguém pode alcançar  
 E nada nos cala, já foi a Senzala, já tentaram bala  
 Ninguém vai nos parar  
 Filhos de Luanda vindos de Wakanda, hoje os pretos manda  
 Cê vai ter que escutar  
 Por mais heroína com mais melanina, tipo Jovelina  
 Pretas são pérolas [...]

Assim como a própria música descreve, muitas são as analogias feitas no decorrer dessa estrofe, como a menção do atleta negro Usain Bolt, considerado um dos corredores mais rápidos do mundo. Por esse motivo, há o uso de sua relação com a

velocidade para dizer que os negros possuem a “cor da noite” e são filhos do açoite<sup>3</sup>, que detêm o poder “de ir além”, de quebrar o silenciamento que foi muito recorrente durante o período das senzalas, local onde os negros por pouco tempo podiam “descansar”.

Inclusive, também é discorrido sobre o uso de “balas” (violência utilizando armas) para disseminarem os negros e tomando como exemplo esse tipo de crueldade para calar a voz negra. Assim, o discurso presente na letra transmite a ideia de lutar por todas essas vidas que foram levadas, de dar ainda mais “gás” à luta antirracista em memória dos que se foram, ou melhor, dos que não tiveram a opção de ficar.

Outra analogia feita e de grande importância é sobre “Wakanda”, que remete ao filme “Pantera Negra” (2018), dirigido por Ryan Coogler. Wakanda (cidade fictícia presente no filme), e Luanda (capital da Angola), são cidades pertencentes à África, sendo somente a segunda cidade mencionada existente na realidade. A história do filme perpassa pela cidade fictícia, que é integrada por apenas pessoas negras, em que o “Príncipe T’Challa” (interpretado por Chadwick Boseman) desenvolve papel principal: um herói negro, que luta por Wakanda utilizando uma tecnologia muito evoluída. E, assim, a partir desse contexto, a canção discorre que “[...] os pretos manda [...]”, ou seja, os negros podem e devem ter seu lugar e isso deve ser uma luta constante para que, de fato, se conquiste representação e direito.

Além disso, a mulher negra também ganha grande destaque na voz discursiva apresentada: “[...] por mais heroína com mais melanina, tipo Jovelina, pretas são pérolas [...]”, isto é, por mais mulheres negras que lutam por seus direitos, que representem umas às outras, assim como Jovelina Pérola Negra<sup>4</sup>, grande cantora e compositora negra do samba e do pagode, que representava a classe pobre da sociedade. Dessa forma, tendo esse grande nome da música brasileira como fundamento, a canção discorre sobre a preciosidade que é ser negra e mulher, do alto valor que isso possui, sobretudo para o feminismo negro.

---

<sup>3</sup> Açoite - um dos instrumentos de tortura utilizados contra os negros, que era uma espécie de chicote.

<sup>4</sup> Jovelina Pérola Negra - O uso do termo “Pérola Negra” se dá por ser uma mulher negra preciosa, além de também possuir uma composição de grande sucesso com o mesmo nome, assim como é apresentado no Dicionário Cravo Albin.

Lélia Gonzales discorre sobre a importância da quebra do silenciamento da mulher negra e suas falas tiveram grande relevância para a luta racial feminina, como apresentado no site “Literafro”:

[...] Foi justamente a dificuldade de falar e de serem ouvidas que fez com que militantes negras percebessem a necessidade de participar de maneira efetiva do movimento feminista. Contudo, nesses espaços, elas também encontraram inúmeros desafios, como a omissão do racismo e de suas consequências na vida das “mulheres de cor”. De acordo com Lélia Gonzalez, a “cosmovisão eurocêntrica e o neocolonialismo” (GONZALEZ, 2018, p. 309) das ativistas brancas impediam debates e proposições que desaguassem em medidas efetivas para o enfrentamento da condição de exclusão e subalternidade na qual as mulheres afro-brasileiras se encontravam. [...] (LITERAFRO, 2020, p. 2)

Observa-se que o preconceito racial e o “fechamento dos olhos” para os desafios enfrentados pela mulher negra também foram recorrentes em “grupos hegemônicos do feminismo”, como o site também aponta. E, devido a isso, várias militantes negras reconheceram essa opressão e resolveram pôr em debate, sendo Gonzales a precursora desse movimento, o que contribuiu e deu forças para que outras mulheres negras fossem em busca de seus direitos.

Ainda, na letra musical, pode-se notar a presença de um discurso que parece fazer alusão à experiência de vida da própria cantora, que diz:

[...] Eu venci o preconceito e fiz de um jeito  
 Que vários se inspiram em mim  
 Com muita resistência, virei referência  
 Pra outros que vêm de onde eu vim  
 Da Brasilândia pro Brasil inteiro  
 Hoje sirvo de modelo  
 É preciso respeitar  
 Minha pele, meu apelo [...]

Ao analisar esse trecho específico da canção, é possível notar que a letra supostamente pode fazer relação com a vida de Negra Li (podendo não ser real devido à liberdade de se fazer arte, já que representa uma letra musical), que desde muito cedo sempre esteve ligada à música, além de compor canções que se voltam para as questões feministas e de preconceito racial. Brasilândia, lugar onde a cantora foi criada, é um distrito pertencente ao estado de São Paulo e lá muitas famílias carentes residem. Dessa forma, a voz discursiva, presente na música, focaliza a importância de a mulher reconhecer o merecido valor a sua raça, seus traços fenotipicamente

negros, assim como a experiência de vida de Negra Li, que é negra, empoderada e um grande ícone da música e da televisão brasileira.

Essa estrofe destaca, ainda, que a mulher negra deve “ser inspiração”, superar os seus limites, quebrar o preconceito, o silenciamento, ganhar o seu espaço na sociedade e ser, merecidamente, o que quiser. Quando a mulher negra luta por seus direitos e passa para as demais mulheres negras sentimentos positivos, de empoderamento, de representação, conseqüentemente, faz com que todas se unam em prol de um bem comum, que é a valorização da figura feminina negra. Uma ajudando à outra a quebrar todo o pré-conceito estabelecido sobre a mulher, que a inferioriza e impõe tarefas/funções a serem exercidas pelas mesmas, como cuidar da casa, filhos e ser submissa ao homem. Vale também ressaltar que é mediante a construção errônea de “pré-conceitos” (designações dadas pela sociedade opressora, conservadora e patriarcalista), que o “preconceito” (diminuição de raça ou gênero) nasce.

Dessa forma, quando as mulheres se unem e tomam consciência da força que juntas contribuem para questões que vão além da racial, o que traz ao debate todos os “parênteses” (os desafios enfrentados pelo gênero feminino de forma coletiva: machismo, racismo, desvalorização, rivalidade etc.) que englobam a mulher, seja de qual raça for, como a questão da “disputa” pela beleza ideal ou até mesmo por homens, em que acaba se colocando como mero objeto de prazer, sem ao menos perceber.

Abarcando ainda mais a discussão sobre o racismo e o sofrimento vivenciado pelos negros durante a escravidão, a letra musical dá seguimento com as seguintes palavras:

[...] A minha dor, ai ai ai  
Vários passou por ela  
Teresa de Benguela  
Teve também Mandela  
Eu vi várias favela  
Só quem carrega a dor  
Foi de cana a cortador  
Sabe o peso, o valor  
Do que se refere  
Axé e muito amor  
Com batuque de tambor

Pro meu ancestral Nagô  
Meu passado me fere, -ere [...]

A canção, a todo momento, faz alusão ao passado escravocrata vivenciado pelos negros, dirigindo-se principalmente à “dor” (relembrando o trabalho forçado nos canaviais) que foi sofrida e até hoje deixa rastros, que “ferem” o presente, que tentam diminuir no negro. Como representação dessa dor vivenciada, a letra discorre sobre “Tereza de Benguela”, “Mandela” e as violências causadas nas “favelas”, criando também, uma rima com as combinações das palavras. Tereza de Benguela, segundo informações de sua biografia contidas no site “Gshow”, publicadas no ano de 2015, foi uma grande representante da resistência negra, que à frente, como líder de um quilombo, lutou pelo direito de ser livre, de não ser escrava. Porém, teve sua vida ceifada após a destruição do quilombo, a mando do “governador da capitania”, como é descrito na matéria.

Dando seguimento, Nelson Mandela <sup>5</sup> também foi uma importante figura na luta contra o racismo e a escravidão. Sempre ligado às causas contra a repressão negra, lutou fervorosamente pelo espaço do negro na sociedade, se destacando nas lutas contra o “Apartheid”, que “separou” os povos negros dos brancos, privatizando qualquer tipo de relação:

[...] Era proibido o casamento inter-racial, era obrigado o registro da raça na certidão, brancos e negros viviam em áreas separadas, onde as escolas, hospitais, praças etc. eram estabelecidos em locais distintos para as duas raças. A segregação racial, a falta de direitos políticos e civis e o confinamento dos negros, em regiões determinadas pelo governo branco, provocou uma série de massacres e mortes da população negra. [...]  
(FRAZÃO, 2015)

Como pode-se observar, o racismo e o desejo de alienação do negro eram tão fortes e desumanos que a burguesia europeia simplesmente estabeleceu que negros não poderiam frequentar os mesmos ambientes que os brancos, na tentativa de inferiorizar e ridicularizar a raça. E, devido a esse fato, Mandela dedicou sua vida a lutar pela liberdade e o direito de ser cidadão, como qualquer outra pessoa, sem distinção de

---

<sup>5</sup> Nelson Mandela – Conceitos retirados do site “ebiografia”, sendo as informações redigidas por Dilva Frazão.

raça, ganhando merecido destaque na canção aqui analisada, assim como Tereza de Benguela.

Sobre a temática das favelas, Sawaya, Albuquerque e Domene (2018, p.1) discorrem sobre como esse tipo de habitação é caracterizado:

O surgimento das favelas remonta ao início do século XX nos morros do Rio de Janeiro, construídas por ex-escravos legados à própria sorte. Essa condição não só não melhorou ao longo do século passado, como nas últimas décadas o número de favelas se intensificou. Entre os anos 2000 e 2010, o crescimento das favelas foi doze vezes maior que o aumento do número de moradias brasileiras. O número de pessoas vivendo nessas condições (61% das quais afro-brasileiras) aumentou de 6,5 milhões para 14 milhões no mesmo período. São Paulo abriga 27% das favelas do Brasil. Desde os anos 2000, as comunidades são ocupadas por trabalhadores pobres (65% dos moradores têm trabalho regular) sem renda suficiente para pagar o aluguel ou ter gastos regulares com água e luz.

Frente aos dados apresentados pelas autoras, pode-se notar que as favelas também carregam histórias de sofrimento. Sua população, composta em grande maioria por pessoas pobres e negras, sem condições mínimas de saneamento básico, a “parcela esquecida” da sociedade abriga também um maior número de violência. E essa violência, muitas vezes, ocorre pela falta de oportunidade de emprego, da impossibilidade das famílias de conseguirem o que comer, fazendo com que muitos se voltem para o mundo das drogas, talvez não como opção, mas sim necessidade. Porém, essa “história” (o envolvimento no crime) nunca tem um final feliz, acarretando mais vidas precocemente ceifadas.

A parte final do trecho analisado retrata, mais uma vez, a valorização da cultura negra. Contempla a ideia de exaltação da cultura, do orgulho de ser negro, cantando “axé” e espalhando “muito amor para meu ancestral Nagô”, sendo “Nagô” uma língua típica do povo “lorubá”, formado por pessoas negras que também foram escravizadas (BRITO, 2010).

A canção finaliza, fazendo agora alusão ao presente, demonstrando que é a hora de todos quebrarem o silenciamento e lutar pelas causas negras:

[...] É hora de se libertar, redenção  
Rainha de Sabá juntou Rei Salomão  
Para exaltar, para louvar a cor em questão  
E acalmar o seu coração [...]

Retomando a imagem da Rainha de Sabá<sup>6</sup> e do Rei Salomão<sup>7</sup>, a voz discursiva põe em questão o debate da valorização da raça negra, de “louvar” a cor, assim como Salomão e, posteriormente, a Rainha de Sabá louvaram a Deus, acreditaram nEle. É somente por meio desse reconhecimento de raça, da exaltação e resistência negra, que se pode obter um “coração calmo”, sem deixar se abater pelos traços históricos de racismo, incrustados na sociedade atual. Salomão protegia seu povo a partir do conhecimento, da sabedoria e a voz discursiva possui em suas entrelinhas o mesmo desejo, referindo à busca por vencer o racismo, o preconceito, a desigualdade de gênero ou classe por meio do saber, falando sobre essas temáticas, construindo cidadãos que respeitem o próximo, que sejam empáticos e acreditem que o discernimento pode transformar o mundo em lugar mais humano.

Sendo assim, é possível observar que canção faz dialogismo com elementos externos à própria letra, como a alusão às lutas de Tereza de Benguela e Nelson Mandela contra o racismo e a distinção preconceituosa de raças, sendo esses elementos externos descritos por Bakhtin como “cotejo”, ou seja, a partir do discurso do outro, da fala do outro, há a possibilidade de construir novos saberes, novas opiniões e essas formas de compartilhar ideias, de “encontrar no outro uma parte de si”, caracteriza também a exotopia, o colocar-se no lugar do outro. Além disso, vale frisar que o discurso é criado a partir de uma atitude responsiva ativa, isto é, a defesa de uma ideia só é possível mediante a um problema que já é existente e, a partir desse problema o discurso é construído. É possível falar de racismo, pois na sociedade existiu uma época de sofrimento e injustiças por parte dos negros, e, pensando nisso, a música analisada surgiu como uma resposta a esse sistema historicamente opressor.

## 5.2 ANÁLISE DA MÚSICA: “MULHERES NEGRAS”

A música “Mulheres Negras”, da cantora e compositora Yzalú, em 24 de março de 2021 apresentava um total de exatamente 280.673 visualizações pela plataforma do YouTube. A canção retrata todo um contexto histórico de repreensão, racismo e estereótipos vivenciados pelas mulheres negras até a contemporaneidade. É

---

<sup>6</sup> “Rainha de Sabá” - Rainha negra, de grande beleza, bondosa, que louvou ao Deus de Salomão.

<sup>7</sup> “Rei Salomão” – Aquele que possuía a sabedoria vinda de Deus.

importante dar relevância, na análise, para os conceitos de atitude responsiva ativa (resposta dada pelo ouvinte: concorda ou discorda) e exotopia/excedente de visão (ampliar a significação do discurso a partir do conhecimento do outro, da interação) empregados por Bakhtin, pois, ao se criar a letra dessa canção, compreende-se que há um discurso que representa uma resposta aos tipos de violência e opressão gerados sobre as mulheres negras e esse mesmo discurso tende a ser convincente para que o ouvinte possa concordar com o conteúdo que a música carrega. Ademais, para que o conteúdo seja evidenciado com clareza na letra musical, também se observa a presença de outros discursos retratando a interação entre ideias, a aprendizagem com o discurso empregado pelo outro, que conseqüentemente concorda com o mesmo assunto, partilha dos mesmos ideais.

A canção começa a partir dos seguintes trechos:

Enquanto o couro do chicote cortava a carne  
A dor metabolizada fortificava o caráter  
A colônia produziu muito mais que cativos  
Fez heroínas que pra não gerar escravos, matavam os filhos [...]

Pode-se observar que a música, logo de início, faz dialogismo com a época da colonização do Brasil – sendo esse diálogo de temáticas descrito por Bakhtin como cotejo, ou seja, um discurso construído a partir de outro -, sendo os negros torturados pelos senhores brancos através de um chicote, que literalmente “cortava a carne”, causando extrema dor e sofrimento. Além disso, as mães que tinham seus filhos, nas senzalas, pelo fato de experienciarem tal situação de sofrimento, acabavam, como a voz discursiva apresenta de forma bastante impactante, tirando a vida das crianças para que não se tornassem novos escravos.

Logo a seguir, a letra musical retrata a força que a mulher negra deve ter, sobretudo, no que diz respeito às profissões que a sociedade racista impõe sobre a mulher negra:

[...] Não fomos vencidas pela anulação social  
Sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial  
O sistema pode até me transformar em empregada  
Mas não pode me fazer raciocinar como criada [...]

Nesse trecho, é discorrido sobre a exclusão que a sociedade faz sobre as negras, principalmente no que tange à participação em novelas e comerciais, justamente por não se encaixarem no quesito de beleza padrão, que seria branca, magra, alta e de

olhos claros. E, devido a isso, a voz discursiva aponta que o sistema não pode fazer com que se tenha o raciocínio de uma pessoa que só deve servir, ou seja, não pode impor que o lugar da mulher negra é apenas como serviçal, que ela não possui capacidade de ocupar cargos de chefia, por exemplo, na sociedade. Outro ponto discorrido é sobre a idealização de um tipo de beleza como padrão (dando maior visibilidade nas “telas” para esse tipo padronizado do que é belo: magra, branca, alta etc.), extinguindo os mais variados tipos de beleza dentre os povos que existem. Cada raça, cultura, possui sua beleza, sendo cada uma delas particular, característica e única.

Vale ressaltar que, mesmo sendo minoria e o sistema agir impondo que a profissão a ser exercida deve ser sempre a “servil”, como a própria música apresenta, as negras conseguiram ganhar espaço e vencer muitas barreiras que impossibilitavam a valorização da beleza e cultura negra. No entanto, para que isso acontecesse, muitas mulheres tiveram que perder suas vidas, a fim de obter melhorias nas condições de vida das mulheres pertencentes não somente à classe negra, mas como um todo, na esperança de que cada uma pudesse ditar “qual é o seu lugar”, ter autonomia própria para decidir os rumos da vida, quebrando os padrões dados pelo “senhorio” (referência ao período escravocrata), ou seja, dar o melhor para as que “viessem depois” e deixar um legado de resistência feminina.

A música continua apresentando discursos que visam construir um novo olhar sobre a cultura negra, associando-a à “personificação da determinação”, em oposição ao período escravocrata. Ou seja, mesmo diante de toda a exploração associada ao povo negro, principalmente a vivenciada pelas mulheres negras, nunca se desistiu de conquistar a liberdade, de reivindicar seus próprios direitos:

[...] Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão  
 Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação  
 Navios negreiros e apelidos dados pelo escravizador  
 Falharam na missão de me dar complexo de inferior  
 Não sou a subalterna que o senhorio crê que construiu  
 Meu lugar não é nos calvários do Brasil [...]

Nota-se que, a todo momento, a música reage como uma resposta ao sistema opressor e racista que perdurou por anos e que deixou marcas na atualidade. O trecho “[..] Navios negreiros [..]” molda, mais uma vez, a ignorância gerada pelo opressor,

sendo essa uma caracterização das embarcações que eram responsáveis por transportar os negros feitos de escravos, que eram tratados de forma totalmente desumana, justamente por fazerem parte da classe pobre e explorada. Além do mais, a letra chama a atenção para a conquista da liberdade negra, descrevendo que a missão de tornar o negro inferior à supremacia branca falhou, pois apesar dos traços históricos deixados pelo período escravocrata, que ainda fazem o negro lutar por sua valorização e respeito, obteve-se grandes conquistas relacionadas aos seus direitos, deixando de pertencer aos “calvários” do Brasil, ou seja, deixando de morrer simplesmente para servir à classe branca, de ter suas vidas ceifadas pelo escravizador - já que o calvário pode ser entendido como um “local de execuções”, remetendo à crucificação de Jesus. Entretanto, é importante ressaltar que o índice de mortalidade de negros no Brasil ainda possui dados muito alarmantes, já que cerca de 98,5% dos homicídios são de pessoas pardas ou negras, enquanto os brancos ocupam o percentual de 34% (estatísticas apresentadas pelo IBGE 2019), sendo esses dados mais uma das provas que a intolerância racial está muito presente no contexto atual.

Retratando os desafios enfrentados pelas mulheres negras, a canção dá seguimento:

[...] Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo  
As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo  
Lutam pra reverter o processo de aniquilação  
Que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão  
Não existe lei Maria da Penha que nos proteja  
Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza  
De ler nos banheiros das faculdades hitleristas  
Fora macacos cotistas [...]

Pode-se perceber que a voz discursiva, nesse trecho, retrata que as negras acabam sofrendo duas vezes mais do que as mulheres brancas. Isso devido ao fato de que as mulheres negras lutam não somente por deixarem de ser rotuladas como o “sexo frágil” ou como um objeto de prazer, mas também pela necessidade de demonstrarem seu valor pela sua cor, pela igualdade racial, igualdade de direitos que, por cerca de 300 anos, foram restringidos pela ignorância humana, como explica Ribeiro (2016, p.100), ao lembrar que “[...] enquanto àquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para serem consideradas pessoas. E essa diferença radical fazia toda a diferença. [...]”.

Fundamentando-se na obra de Ribeiro, é possível dar maior embasamento para a afirmação apresentada na música, favorecendo a compreensão de até onde a crueldade humana é capaz de ir, privando muitos do direito de ser cidadão, de se ter o merecido respeito, como o direito aos estudos (Direito restrito aos brancos burgueses na época da escravidão) que, atualmente, graças à luta constante pela representação negra e pobre, criou-se o sistema de cotas, a partir da promulgação da Lei nº 12.711/2012, que visa garantir o direito a negros e pessoas de baixa renda de frequentar universidades, representando uma forma de inclusão, mas que, infelizmente, também acaba por gerar vários debates negativos sobre o fato de dar maior acessibilidade aos negros nas instituições de ensino superior.

Dessa forma, esses mesmos comentários negativos acabam provocando ódio nas pessoas que não concordam com a lei e estas disseminam racismo e usam de violência para diminuir o negro. Ao retratar no trecho da música: “[...] De ler nos banheiros das faculdades hitleristas “Fora, macacos cotistas”, busca-se estabelecer uma associação entre o racismo existente em algumas instituições, provavelmente de predominância branca e racista, e a doutrinação de Adolf Hitler (Político do partido Nazista, que através do regime da ditadura, perseguia e torturava judeus, negros, deficientes, e todos os que fossem contra o regime implantado por ele, na Alemanha). Isso ocorre por considerar a realidade de muitas instituições de ensino superior, em que é comum encontrar em paredes e portas dos banheiros inscrições racistas, que se referem ao sistema de cotas e a presença de negros no meio acadêmico.

Uma parcela da sociedade considera o sistema de cotas um “privilégio desnecessário” ofertado aos negros. Contudo, é importante ressaltar que as cotas representam um meio de levar o saber aos negros, uma porta para o conhecimento, mesmo representando uma mínima parcela de acordo para os 300 anos de sofrimento e exclusão sofridos pelos negros. Infelizmente, as vidas que foram perdidas não poderão desfrutar desse avanço mínimo conquistado na sociedade, mas seus descendentes podem, a fim de honrar o sangue que foi derramado.

Dando continuidade, observemos os seguintes trechos:

[...] Se um dia eu tiver que me alistar no tráfico do morro  
É porque a Lei Áurea não passa de um texto morto  
Não precisa se esconder, segurança

Sei que cê tá me seguindo, pela minha feição, a minha trança  
Sei que no seu curso de protetor de dono praia  
Ensinaram que as negras saem do mercado com produtos embaixo da saia [...]

Fazendo uso de uma linguagem coloquial (“cê”; “tá”), com a finalidade de trazer maior representação da realidade pelo discurso (uso de reduções linguísticas muito utilizadas no dia a dia, no ato da fala), nota-se que uma das críticas apresentadas pela voz discursiva é a referência ao ingresso de negros na vida do crime, retratando que, devido à exclusão social sofrida pelo negro, o mesmo acaba buscando no crime, na violência, uma forma de sustento, justamente pelo fato de se adquirir “dinheiro fácil”, sem precisar estudar ou muito menos necessitar da aprovação da supremacia branca para exercer tal “profissão”, tendo como justificção a ineficácia da “Lei Áurea”, sancionada pela Princesa Isabel nos anos de 1888, dando liberdade e cidadania aos negros escravizados. Vale ressaltar que o Brasil foi o último país a aderir a abolição, o que dificultou ainda mais o processo de educação racial entre a sociedade.

Portanto, pode-se interpretar que, nas entrelinhas do discurso apresentado, há uma inquietação no que se refere à falta de oportunidade que o negro, sobretudo a mulher negra, possui na sociedade, ficando, muitas vezes, à mercê do tráfico para poder ter algum sustento. Não justificando o crime como uma forma digna de trabalho e muito menos generalizando, pois sabe-se que muitos podem simplesmente optar por seguir esse caminho sem real necessidade, pelo fato de ser uma forma de conseguir dinheiro “fácil”, mas, infelizmente, muitos se veem nessa condição por não terem uma oportunidade que favoreça uma condição de vida boa, ou que supra o mínimo de necessidades básicas de suas famílias, como comida, por exemplo.

Como as estatísticas do IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística (2019) apontam que a maior parcela da sociedade envolvida no tráfico e violência é composta por negros, como pode-se observar na tabela a seguir:

Figura 1 - Desigualdade por cor ou raça no Brasil (IBGE – 2019)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais (2019)

A partir da canção e mediados por dados empíricos do IBGE, observa-se que os negros ainda são minoria na representação da sociedade, seja na área da educação (Total de 9,1% de analfabetismo entre pretos e pardos, enquanto os brancos possuem 3,9%), política (24,4% de representação preta ou parda, e 75,6% de brancos e outras) ou no mercado de trabalho (Gerências: 29,9% de pardos e pretos e 68,6% ocupados por brancos e como subutilização 29% de pretos ou pardos e 18,8% de brancos) e maioria nos percentuais de violência (Cerca de 98,5%, um dado muito alarmante). E é justamente por esse fato que a sociedade acaba criando diversos estereótipos a respeito do negro, que são ladrões, não trabalham etc., porém se esquecem de fazer a seguinte pergunta: Por que será que essa classe não está inserida com um alto percentual no mercado de trabalho? Seria talvez a falta de oportunidade, imposta pela sociedade, a partir de um contexto histórico de desvalorização da raça?

Dando seguimento, a canção apresenta o seguinte discurso:

[...]Não quero um pote de manteiga ou de xampu  
Quero frear o maquinário que me dá rodo e uru  
Fazer o meu povo entender que é inadmissível  
Se contentar com as bolsas estudantis do péssimo ensino  
Cansei de ver a minha gente nas estatísticas  
Das mães solteiras, detentas, diaristas  
O aço das novas correntes não aprisiona minha mente  
Não me compra e não me faz mostrar os dentes [...]

Os trechos chamam a atenção, assim como grande parte da música, para a questão da opressão ainda vivenciada pelos negros, caracterizada na letra como as “novas correntes”, ou seja, a presença de uma “escravidão disfarçada”, de uma sociedade intolerante, sem empatia, que tenta diminuir o próximo para engrandecer seu próprio ego, sobretudo, as mulheres moradoras de periferia que, além do preconceito sofrido devido a sua cor, são taxadas de ladras, como a canção aborda. Também é chamada a atenção para a conscientização dos negros, despertando-os para que saibam lutar pelos seus direitos, para que as mulheres negras possuam o direito de ocupar cargos elevados e com boa remuneração, que toda e qualquer atitude que cause a alienação das mulheres negras seja desconstruída.

Além disso, o trecho em que se diz: “[..] não me compra e não me faz mostrar os dentes [...]”, retrata a época da escravidão, onde os negros comprados pelos senhores donos de fazendas através de sua arcada dentária: se estivesse boa, o escravo apresentava saúde, ou seja, era tratado de forma brutal e desumana, comercializado como mercadoria, e é por isso que a voz discursiva pede para que os negros não se contentem com pequenas benefícios ou mesmo um ensino ruim, pois o conhecimento quebra barreiras, desconstrói injustiças, capacita o ser humano para entender e exigir seus direitos.

A valorização da beleza negra também é um assunto discorrido na canção:

[...] Mulher negra não se acostume com termo depreciativo  
 Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino  
 Nossos traços faciais são como letras de um documento  
 Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos  
 Fique de pé pelos que no mar foram jogados  
 Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados  
 Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria  
 É atrair gringo turista interpretando mulata [...]

Muitas vezes, a mulher negra é questionada por não possuir uma beleza padrão, construída pela sociedade burguesa racista e fazem da mesma um objeto sexual, muito bem representado a partir do “Carnaval” pertencente à cultura brasileira, sendo as “mulatas” - cujo termo etimologicamente está ligado ao conceito de “mula”, e que segundo o dicionário da língua portuguesa representa um “animal híbrido”, a mistura de raças, que na letra pode ser interpretada como a mistura da raça branca e negra-, utilizadas como “atração internacional”, retratando a comercialização e a exploração

sexual (que retoma a ideia de “escravidão disfarçada”) mediante a exposição quase total de seu corpo.

Assim como a música aborda o cabelo liso e nariz fino não é o “ideal”, inclusive, quem criou o “ideal”? O ideal é aquilo que te representa, que te faz bem, que demonstra suas características particulares, a beleza própria que cada um possui, os traços que consigo carregam, além da beleza, da história, da construção da raça, por isso a importância de representar e valorizar a cultura negra.

Ao compreender o valor da raça e se manter resistente às adversidades sofridas, faz valer a pena todo o esforço dado por muitos para se conquistar os direitos que hoje as negras e negros podem usufruir, sendo isso discorrido por Ribeiro (2018, p.13):

Outra coisa que me marcou muito foi a declaração que a escritora brasileira Conceição Evaristo me deu em entrevista à Carta Capital em 2017: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. Penso nos feminismos negros como sendo esse estilhaçar, romper, desestabilizar, falar pelos orifícios da máscara”.

Nesse trecho, observa-se que a máscara da qual Evaristo discorre pode representar o silenciamento imposto pela sociedade, a opressão que o negro vivencia desde a época da escravidão, sendo a máscara também utilizada como um instrumento de tortura, em que o escravo era obrigado a utilizar por dias, composta de ferro e que cobria a boca do escravo, impossibilitando que o mesmo pudesse falar, como as escritoras Mireile Silva Martins e Julia Francisca Gomes Simões Moita (2018) apontam no artigo “Formas de silenciamento do colonialismo e epistemicídio: apontamentos para o debate”:

Para tanto apresentaremos uma análise feita pela escritora e artista Grada Kilomba em relação à máscara facial de metal, que foi um instrumento de tortura e que é um símbolo das políticas de silenciamento do colonialismo. Trazendo para o debate o quanto este instrumento corroborou para a violência epistêmica, visto que, ao tapar a boca do sujeito negro com a máscara o mesmo era impedido de falar, ocasionando uma relação extremamente desigual de saber-poder. E é dentro dessa perspectiva de sujeitos que foram historicamente silenciados que a sociedade passa a construir-se epistemologicamente dentro de uma perspectiva única que é a branca colonial e patriarcal. (MARTINS; MOITA, 2018, p.01)

Por esse motivo, é de extrema importância quando Conceição Evaristo chama a atenção para “falar pelos orifícios da máscara”, ou seja, quebrar o silenciamento e tomar consciência de valorização da cultura e da raça negra, a importância da mulher

negra se reconhecer pertencente a esse povo e lutar sempre pelos direitos que, por séculos, foram restringidos, ocultados, deixando o negro impossibilitado de ser parte da sociedade.

Por fim, a música retrata o descaso que a cultura negra sofre, sendo esta questionada por seus costumes, na tentativa de torná-los insignificantes:

[...]Podem pagar menos pelos mesmos serviços  
Atacar nossas religiões, acusar de feitiços  
Menosprezar a nossa contribuição para a cultura brasileira  
Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele negra  
Mulheres negras são como mantas kevlar  
Preparadas pela vida para suportar  
O racismo, os tiros, o eurocentrismo  
Abalam mais não deixam nossos neurônios cativos.

É notável que a representação da valorização da cultura negra é um elemento muito forte e presente na música e, apesar de muitas pessoas “menosprezarem” a importância dessa cultura (atacando seus valores e crenças) para a formação do povo brasileiro e desmerecer os pertencentes a essa raça, seja excluindo dos cargos públicos, do mercado de trabalho em geral, pagando menos as mulheres, simplesmente por serem mulheres e negras, não se deve deixar de ter orgulho da pele negra, da cultura negra que praticamente fundou a nação brasileira. E, além disso, deve-se manter resistente, superar a violência, o racismo, as atitudes e costumes característicos do colonizador e lutar para conquistar cada dia mais o espaço, a valorização e a representação, necessários e que são de direito da cultura negra.

Portanto, o dialogismo se encontra muito presente na canção, pois muitas são as analogias feitas para exemplificar o sofrimento que as mulheres negras vivenciaram e que tiveram de sempre estar resistentes, como as “mantas de kevlar” (material rígido, antichama, que o site “Reisil Isolamentos” descreve como um potente isolador de calor). Utilizando os conceitos discorridos pelo Círculo de Bakhtin, a exotopia/excedente de visão está intimamente ligada à letra musical, pois observa-se que a voz discursiva busca sempre se colocar no lugar dos negros escravizados, descrevendo a dor vivenciada por todos, na tentativa de ter uma atitude responsiva ativa sobre esse contexto de escravidão que permeia até os dias atuais, demonstrando a importância de se manter resistente.

### 5.3 ANÁLISE DA MÚSICA: “NÃO PRECISA SER AMÉLIA”

A música “Não precisa ser Amélia”, da cantora e compositora Bia Ferreira, que como apresentado obtinha um quantitativo de aproximadamente 1,3 milhões de visualizações na plataforma YouTube no dia 01 de dezembro de 2020 e no dia 25 de fevereiro de 2021 acumula um total de 1.448.811 visualizações, retrata a visão sobre o racismo, ressaltando a valorização da mulher negra.

As três primeiras estrofes da música retratam a valorização da raça negra e incitam a importância de quebrar o silenciamento, com as seguintes palavras:

**(ESTROFE 1)** [...]Estrela que brilha, clareia a trilha  
Ilumina e guia o meu caminhar  
Alumeia um pouquinho esse meu caminho  
Me dê uma luz, tá difícil enxergar

**(ESTROFE 2)** Quanto mais eu ando, mais escuro fica  
Me dê uma dica pra poder seguir  
Não sei o que faço  
Se ando, se paro, se corro, se sigo, se fico aqui

**(ESTROFE 3)** Tome minha boca pra que eu só fale  
Aquilo que eu deveria dizer  
A caneta, a folha, o lápis  
Agora que eu comecei a escrever  
Que eu nunca me cale [..]

Nas duas primeiras estrofes, pode-se notar que a voz discursiva descreve uma certa “confusão interna”, ou seja, como se uma pessoa estivesse tão atordoada com seus próprios pensamentos, que não sabe o que fazer, descritas principalmente no seguinte trecho: “[...] Não sei o que faço / Se ando, se paro, se corro, se sigo, se fico aqui [...]”. E, a partir da desenvoltura da estrofe 3, uma possível interpretação é a de que a voz discursiva apresenta uma pessoa confusa, com ideias a serem passadas para o papel como uma forma de resistência e defesa de um ideal (que, no decorrer da canção, subentende-se que é a valorização da figura negra feminina), mas que de certa forma sente medo. Porém, ao “começar a escrever”, percebe a força que possui e o quão importante é quebrar o silenciamento.

Prosseguindo com a análise, a partir do nome dado à música: “Não precisa ser Amélia”, podemos notar a presença de uma “Atitude Responsiva Ativa” que o Círculo

de Bakhtin busca discorrer, ou seja, a voz discursiva apresenta um posicionamento, uma resposta a um samba lançado nos anos 1942, de Mario Lago e Ataulfo Alves, chamado: “Ai que saudades da Amélia”. Vejamos a seguir uma comparação entre alguns trechos da música de Bia Ferreira (Música 1) e da obra de Mario Lago (Música 2), respectivamente:

“[...] Não precisa ser Amélia pra ser de verdade  
 Você tem a liberdade pra ser quem você quiser  
 Seja preta, indígena, trans, nordestina  
 Não se nasce feminina, torna-se mulher [...]” **(Música 1)**

“[...] Ai, meu Deus, que saudade da Amélia  
 Aquilo sim é que era mulher. [...]  
 Amélia não tinha a menor vaidade  
 Amélia é que era mulher de verdade [...]” **(Música 2)**

A partir desses trechos, podemos observar que enquanto a “Música 2” se preocupa em discorrer que somente “Amélia” seria merecedora do título de mulher, que seria o padrão exato de mulher, a “Música 1” entra com um discurso contrário, expondo que a mulher para ser mulher “não precisa ser Amélia”, a mulher é e pode ser, estar e pensar da forma que lhe aprouver. A sociedade conservadora e patriarcalista, por exemplo, utiliza o discurso que a mulher é o que veste, que deve ser submissa ao homem, fazer as vontades simplesmente do marido e cuidar da casa e dos filhos, porém, acaba se esquecendo que o período de alienação já se foi, conquista fruto da revolução de muitas mulheres para que, atualmente, seja possível que mulher tenha autonomia de direito para decidir o que é melhor para si.

Infelizmente, muitos são os casos de pessoas que, motivadas pelo machismo, não entendem essa liberdade adquirida pelas mulheres – dando ênfase à mulher negra - e tentam reprimi-las, utilizando, muitas vezes, a violência como justificativa e fazendo a própria vítima (mulher) ser a culpada por tais atrocidades, como ocorre em casos de diversos estupros, onde a sociedade, em sua grande maioria, culpabiliza a vestimenta da mulher, o “estar sozinha” em determinado horário (que fere o direito de ir e vir, pregado pela democracia) ou até mesmo a “vaidade” da mulher. Ou seja, é como dizer que o querer estar bem consigo mesma, ter a autoestima elevada é a porta para o feminicídio ou a violência contra o gênero feminino.

Também é possível observar que a “Música 1” é utilizada como uma forma de educar, ou seja, demonstra a importância de ser mulher negra e não se calar diante de qualquer atitude que tente diminuir o gênero ou utilizá-lo como simples objeto sexista, como pode ser retratado no trecho em ênfase a seguir:

“[...] O jogo só vale quando todas as partes puderem jogar  
 Sou mulher, sou preta, essa é minha treta  
 Me deram um palco e eu vou cantar  
 Canto pela tia que é silenciada  
 Dizem que só a pia é seu lugar  
 Pela mina que é de quebrada  
 Que é violentada e não pode estudar  
 Canto pela preta objetificada  
 Gostosa, sarada, que tem que sambar  
 Dona de casa limpa, lava e passa  
 Mas fora do lar não pode trabalhar [...]”

Entende-se por “objeto sexista” a qualificação dada à mulher como um mero “objeto de prazer”, ou seja, utiliza-se a imagem e o corpo feminino como uma forma de satisfação dos desejos masculinos, cujo trecho em questão aborda como exemplo as sambistas que devem seguir um padrão imposto pela sociedade de “saradas” e “gostosas” (ou seja, ser magra para ser bonita), contribuindo para a “comercialização do corpo”, sem se preocupar que por de trás do corpo esbelto e de toda estética, há uma mulher, humana, com sentimentos e valores.

Discutindo sobre essa questão do sexualismo implantado na cultura brasileira, Lélia Gonzales (1984) destaca que:

[...] O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/fazendo pirraça/fingindo inocente/tirando o sossego da gente”. É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. Estes, por sua vez, tentam fixar sua imagem, estranhamente sedutora, em todos os seus detalhes anatômicos; e os “flashes” se sucedem, como fogos de artifício eletrônicos. E ela dá o que tem, pois sabe que amanhã estará nas páginas das revistas nacionais e internacionais, vista e admirada pelo mundo inteiro. Isto, sem contar o cinema e a televisão. E lá vai ela feericamente luminosa e iluminada, no feérico espetáculo. [...] (GONZALES, 1984, p. 228)

Conclui-se que o carnaval, uma comemoração tipicamente brasileira, sexualiza explicitamente a mulher negra, fazendo com que seu corpo seja tratado como mercadoria e desperte o desejo sexual em quem a veja “sambar”, se tornando a

atração, a mais desejada e cobiçada, representando, assim, o mito da democracia racial. E por que mito? Pois sabe-se que o racismo, o preconceito etc. sobrepõem um corpo bonito e a beleza, que, mesmo tendo todas as características mais belas do mundo, continua fazendo parte do grupo que é oprimido, marginalizado, inferiorizado e não é um simples espetáculo que vai mudar isso.

Mediante as letras do trecho da música conseguimos observar a descrição de situações que estão presentes no cotidiano de várias mulheres, sobretudo negras e moradoras da periferia, onde as condições de vida acabam sendo mais precárias, fazendo com que elas não possuam oportunidades de emprego ou até mesmo estudo, ficando destinadas a cuidar de seus lares, local onde pode vir a acontecer violência, tanto física quanto mental. E, assim, com essa letra, tenta-se fazer com que os que leiam/ouçam possam tomar consciência do que é ser mulher, do que é o racismo e que “quebrem o silêncio”, assim como pode-se notar no verso: “[...] Sou mulher, sou preta, essa é a minha treta [...]”. A palavra “treta”, remete à ideia de “briga”, “confusão”, “luta”, e, por esse motivo, ser mulher e preta acaba sendo uma tarefa ainda mais difícil, pois já se é possuidora de um gênero que é desvalorizado socialmente e, além disso, também se encaixa na parcela da sociedade que é discriminada por sua cor, que é a negra.

É muito importante que as mulheres, unidas, lutem juntas para acabar com a alienação que historicamente é imposta sobre as mulheres e isso só pode ser feito a partir do discurso, falar sobre esses assuntos, para que a mulher possua representação e dissemine a importância que a figura feminina possui na sociedade, ou melhor dizendo, a sociedade é “gerada” a partir da mulher, sendo ela a base de tudo e, por esse motivo, deve ser mais que valorizada e respeitada.

Silva (2009) aponta que a mulher, por muitos anos, teve sua autonomia roubada, ficando à mercê da autoridade masculina. Trazemos, novamente, a referência ao trabalho de Silva (2009) que confirma isso:

[...] Sabe-se que a presença da mulher brasileira na vida pública começa de maneira efetiva no início do século XX. No Brasil, até 1916 o Código Civil considerava as mulheres como “menores perpétuos sob Lei” (apud Pinto, 1990, p.34). Em outras palavras, elas ficavam sujeitas à vontade dos homens (marido ou pai). [...] (SILVA, 2009, p.41)

Nota-se que a mulher era obrigada a ser submissa ao homem, sendo isso, legalmente institucionalizado. Porém, com a quebra do silenciamento e diversos movimentos feministas, conquistou-se maior representação na sociedade, mas ainda, infelizmente, muitas mulheres são obrigadas a continuar nessa forma de alienação, sendo o machismo e a violência doméstica um dos principais fatores que levam a essa situação, que o verso da música exemplifica: “[..] Dona de casa limpa, lava e passa/ Mas fora do lar não pode trabalhar [...]”.

Um outro ponto muito interessante apontado na letra musical é o trecho: “[...] não se nasce feminina, torna-se mulher”, que faz alusão à frase de Simone Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Percebe-se que há dialogismo entre ambas as obras, pois tomando como fundamento o artigo de Magda G. dos Santos (2010), professora e doutora em direito, a autora Simone Beauvoir foi uma das mulheres que contribuiu de forma extremamente significativa para a valorização da figura feminina durante o século XX, estando sempre engajada em questões feministas, produzindo obras de grande relação com o feminismo, como o livro *O Segundo Sexo (1949)*, texto que serviu de referência para os movimentos feministas dos anos de 1960 e 1970, criando, assim, uma estrita relação com a música aqui analisada, devido ao fato de abordar um discurso voltado à criação de uma nova personificação da mulher, ou seja, um novo “olhar” sobre a mulher, uma nova caracterização para a figura feminina.

Sendo assim, relacionando a letra musical com a famosa frase de Simone Beauvoir, pode-se compreender que ser mulher vai muito além do gênero, pois o indivíduo se torna mulher à medida em que supera seus limites, quebrando padrões e silenciamentos, sendo quem deseja ser, como a própria música descreve. Ademais, Pinto e Bandan (2012, p.1) também relatam a relevância do discurso:

[...] O feminismo emerge das lutas do sujeito ‘mulher’, instalando um conjunto de práticas e identidades políticas. O que este grupo, mulheres feministas, teria a ver com linguagem? Cameron (1992, 1998) mostra que as feministas têm tratado a linguagem como parte essencial da luta pela liberação das mulheres. A autora aponta que os movimentos organizados do século XIX já colocavam a linguagem como elemento central das suas reivindicações, rechaçando as restrições à fala pública das mulheres. Essa centralidade continuou durante todo o século XX e repercutiu nos estudos linguísticos no final da década de 1970. No entanto, Cameron (1998) observa que a pluralidade teórica prevalece nas discussões feministas sobre linguagem nos últimos trinta anos. [...]

O uso do discurso, assim como explanado pelas autoras, é uma das “armas” utilizadas pelos grupos feministas na luta pela igualdade de gênero e raça. É fazendo uso da linguagem que se tem cidadãos conscientes de suas responsabilidades, seus direitos. Quando a linguagem é bem elaborada, pensada, possui o poder de persuadir seu ouvinte e tomar o discurso como verdade, repensar suas práticas, facilitando a construção da consciência democrática.

No final da música, há um trecho em que se observa mais uma crítica:

“[...] E não precisa ser Amélia pra ser de verdade  
Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser  
Menos preta, indígena  
Não se apropria  
Quer ser preta dia a dia  
Pra polícia cê num é [...]”

Pode-se observar que há uma contradição proposicional com os versos anteriores da música, pois buscou-se representar o descaso que os negros sofrem, principalmente por parte dos policiais - podendo isso ser comprovado pelo infográfico do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, do ano de 2017, em que dados estatísticos relatam que 76% das vítimas mortas por intervenções policiais são negras, além de demonstrarem que 65% dos feminicídios são de mulheres negras -, que, em sua grande maioria (os policiais), acabam considerando os grupos vulneráveis da sociedade, como insignificantes, imprestáveis e, conseqüentemente, ocasionam diversas violências contra esses grupos, dos quais os negros e negras são a maioria.

A voz discursiva da canção explana muito bem o que Bakhtin diz a respeito da exotopia/excedente de visão, ou seja, ir além de si mesmo, colocar-se no lugar do próximo e, a partir disso, ter uma atitude responsiva ativa, um posicionamento a respeito de determinado assunto, sendo que a canção apresenta um posicionamento a favor da liberdade da mulher negra, do empoderamento feminino negro. Essa posição crítica a respeito do tema mencionado só se torna possível através do cotejo, em que um discurso é construído mediante a outro discurso, ou seja, ao se criar um posicionamento sempre haverá “uma parte do outro”, uma ideia do outro, o que também foi muito bem exemplificado na música com o dialogismo entre as palavras de Simone Beauvoir e a canção “Ai que saudades da Amélia”.

## 5.4 SEMELHANÇAS ENTRE AS CANÇÕES

Após realizadas todas as análises, conclui-se que as músicas apresentam muitas características comuns, mesmo sendo produzidas por cantoras diferentes e de épocas diferentes, sendo plausível ressaltar que Negra Li é pertencente a geração dos anos 1990 e Yzalú e Bia Ferreira dos anos 2000. Ademais, nota-se que todas as músicas buscam trazer uma atitude responsiva ativa (uma resposta) ao passado escravocrata e de grande sofrimento experienciado pelos negros, utilizando a música como uma forma de resistência, elencando o valor que negras e negros possuem para construção da sociedade brasileira, além de ressaltar a beleza da raça, empoderando as mulheres negras mediante a valorização de seus traços únicos e da força que unidas possuem.

Para melhor exemplificar, temos alguns trechos das canções que possuem semelhança:

### **Trecho 1 - “Raízes”:**

[...] Sou Rainha de Sabá  
A coroa é o meu cabelo [...]

### **Trecho 2 - “Mulheres Negras”:**

[...]Mulher negra não se acostume com termo depreciativo  
Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino  
Nossos traços faciais são como letras de um documento  
Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos [...]

### **Trecho 3 - Não precisa ser Amélia:**

[...] Canto pela preta objetificada  
Gostosa, sarada, que tem que sambar [...]

Nota-se que, em todos os trechos, a beleza feminina negra é trazida ao debate, sendo possível compreender que as letras buscam discorrer sobre a importância existente no fato da mulher valorizar seus traços, sua beleza que é única e característica, buscando quebrar os padrões impostos pela sociedade, como possuir o cabelo liso, nariz fino, conforme apresentado no trecho 2, ao explicar que além de lutar contra o sexismo, em que a beleza feminina é tida como um objeto de prazer, discussão trazida no trecho 3, que utiliza como exemplo as sambistas negras.

Dessa forma, é perceptível que o empoderamento feminino negro começa a partir da valorização da própria mulher, ou seja, quando a mesma se reconhece como ser oprimido devido a traços escravocratas históricos marcados na sociedade e luta para que essa opressão acabe, passando a valorizar sua cultura e ao seu fenótipo, o que, conseqüentemente, une as demais mulheres que compartilham da mesma opressão e dá voz e representatividade à figura feminina negra.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização da cultura negra, sobretudo por parte das mulheres negras que fazem parte do grupo feminino que sofre duas vezes mais, pelo fato de serem negras e mulheres, é um importante aliado na construção da conscientização do papel fundamental que a figura feminina desenvolve na sociedade. Quando a mulher se reconhece pertencente a esse tipo de cultura, busca ser resistente e incorporar discursos de empoderamento que dão força para as demais mulheres que ainda não tenham coragem de quebrar o silenciamento.

As canções analisadas colocam em debate os sofrimentos cotidianos das mulheres negras, retratando seu dia a dia, as humilhações e, principalmente, a inferiorização do gênero, como uma tentativa de fazer com que o leitor ou leitora se identifique com a voz discursiva, se coloque no lugar dessas mulheres (exotopia discutida por Bakhtin) que suplicam simplesmente por seus direitos e sua valorização. Pôr em discurso todo o passado de dor dos negros representa uma forma de empatia, buscando, por um momento, imaginar toda a opressão vivida por eles e, de alguma forma, lutar para que os traços dessa cultura de inferiorização cesse. É respeitar a beleza negra que, por séculos, foi corrompida, utilizada como um simples “esboço do prazer” e colaborar na construção da ideia de que a mulher negra é base para a construção da sociedade e que discorrendo sobre seus pesares (dando foco aos problemas raciais) e buscando soluções para eles, é possível tratar de diversos assuntos relacionados à valorização da mulher, como lutar contra o machismo, sexismo, beleza padrão etc., como um todo, de forma coletiva.

Sendo assim, com as análises das *Black Music*, em especial, a partir das canções apresentadas, pode-se contribuir e entender o que foi e o que é a luta feminina negra, ressaltando a importância da busca dos direitos femininos como um “todo”, ou seja, priorizando a resolução dos problemas como o machismo, racismo, violência, preconceito de gênero, entre outros, de forma igualitária e democrática, sem excluir os grupos que são oprimidos e minorizados pela sociedade, dando maior destaque para as mulheres negras e também brancas pobres, demonstrando, assim, que a música também é uma forma de luta e de resistência.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ataulfo; LAGO, Mario. Ai, que saudades da Amélia. **Letras**. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/mario-lago/377002/>> Acesso em: 05 de junho de 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Maria Beatriz dos Santos. Causando um tombamento: Karol Conká e uma negritude empoderada possível. In: III Jornada Internacional GEMInIS (JIG 2018) **Anais eletrônicos...** São Paulo - SP, 2019. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/jig2018/trabalho/82391>>. Acesso em: 30 mai. 2021

BENGUELA, Tereza de. Dados biográficos. **Gshow**. 24 de março de 2015. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/TV-Centro-America/E-Bem-MT/noticia/2015/03/conheca-historia-de-tereza-de-benguela-um-heroina-negra.html>> Acesso em: 31 de maio de 2021.

BRITO, Adelson Silva de. A palavra nagô. **Correio Nagô**, 27 agosto de 2010. Disponível em: <<https://correionago.ning.com/profiles/blogs/a-palavra-nago>> Acesso em 31 mai. 2021

COLLINS. Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. Boitempo, 1ª ed. 2019, p. 1-16. Disponível em: <[https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2019/12/minilivroboitempo\\_patricia-hill-collins.pdf](https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2019/12/minilivroboitempo_patricia-hill-collins.pdf)> Acesso em 30 mai. 2021

CONEGERO, Daniel. Calvário: o que é e o que significa? **Estilo Adoração**. Disponível em: <<https://estiloadoracao.com/o-que-e-calvario/>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

COOGLER, Ryan. Pantera Negra - Sinopse. **Adorocinema**. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-130336/>>\_Acesso em: 31 de maio de 2021.\_

FAUSTINO, Oswaldo. A origem da black music. **Revista Raça**, 18 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/a-origem-da-black-music/>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

FERREIRA, Bia. Não precisa ser Amélia. **Youtube**, 22 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=psxSY400Pn8>> Acesso em: 06 dez. de 2020 (5:17 min.).

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Um retrato da violência contra negros e negras no Brasil**. FBSP, 2017.

FRAZÃO, Dilva. Dados biográficos de Nelson Mandela. **EBiografia**, 2015. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/nelson\\_mandela/](https://www.ebiografia.com/nelson_mandela/)> Acesso em: 31 de maio de 2021.

GELLITE UFAL. Palavras e contrapalavras: cotejo e metodologia em Bakhtin. Aula aberta moderada por Prof. Me. Wilton Petrus – Convidado: Prof. Dr. Valdemir Miotello. **YouTube**, 10 de novembro de 2020. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=1ruMk1MSCJg](https://www.youtube.com/watch?v=1ruMk1MSCJg)>. Acesso em: 06 dez. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S. A., 2002.

GONZALES, Lélia. Dados biográficos. **LITERAFRO**. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1204-lesia-gonzalez>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

GONZALES, Lélia. Entrevista com Lélia Gonzales. **Jornal do Movimento Negro Unificado**. 1991, p.8-9.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223- 244.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2013.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Brasília, **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 16, p. 193-210, janeiro - abril de 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades por cor ou raça no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf)> Acesso em: 03 de nov. 2020.

LASKIER, Fernanda. Dados biográficos de Negra Li. **Purepeople**, Webedia. Disponível em: <[https://www.purepeople.com.br/famosos/negra-li\\_p545008](https://www.purepeople.com.br/famosos/negra-li_p545008)> Acesso em: 31 mai. 2021.

LI, Negra. **Raízes** ft. Rael. 20 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/VQ2BFceN20s>>. Acesso em: 30 mai. 2021 (3:19 min.).

MANTA DE KEVLAR. **Reisil Isolamentos**. Disponível em: <<http://www.reisilisolamentos.com.br/manta-de-kevlar>> Acesso em: 01 de junho de 2021.

MARTOS, Paulo F. Rainha de Sabá – História. **Portal São Francisco**. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/rainha-de-saba>> Acesso em: 31 mai. 2021.

MOITA, Júlia Francisca G.; MARTINS, Mireile Silva. Formas de silenciamento do colonialismo e epistemicídio: apontamentos para o debate. **VI Semana de história do pontal**, V encontro de ensino de História, 22 a 28 de setembro de 2018. Disponível em: <[http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mireile\\_silva\\_martins.pdf](http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mireile_silva_martins.pdf)> Acesso em 31 mai. 2021

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O círculo de Bakhtin e a linguística aplicada. **Bakhtiniana**, São Paulo, p. 142-165, Jul./Dec. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/9890>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

NASCIMENTO, Dayanna de O.; SANTOS, Silva F. dos. Representação da figura da mulher no gênero musical hip hop/rap brasileiro. **ANAIS - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE - O cenário econômico nacional e os desafios profissionais**, 29/08/16 a 03/09/2016. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/7588/5077#:~:text=Um%20exemplo%20de%20uma%20revolu%C3%A7%C3%A3o,dom%C3%A9stica%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20da%20mulher%E2%80%9D.>>> Disponível em 31 mai. 2021.

NEGRA, Jovelina Pérola. Dados biográficos. **Dicionário Cravo Albin Da Música Popular Brasileira**. Disponível em: <<https://dicionariompb.com.br/jovelina-perola-negra/biografia>> Acesso em: 31 mai. 2021.

PINTO, Joana P.; BANDAN, Suzana C. Feminismo e as identidades no cerne dos princípios de pesquisa. **Calidoscópio**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 133–139, 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.102.01>>. Acesso em: 31 mai. 2021.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório – uma perspectiva brasileira. **Revista Internacional de Direitos Humanos (SUR)**, Vol. 13, n. 24, p. 99- 104, 2016. Disponível em: <<https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>> Acesso em 31 mai. 2021

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 01-19.

SÁ, Sandra de. Olhos coloridos. **Letras**. Disponível em: <[letras.mus.br/sandra-de-sa/74666/](http://letras.mus.br/sandra-de-sa/74666/)> Acesso em: 05 de junho de 2021.

SANTANA, Janaína de J. L.; SILVA, Regina C. M. Vozes das mulheres periféricas nas rimas de rap. Paraná, **Humanidades nas fronteiras – Imaginários e culturas latino-americanas**, p. 321 – 332, 9 a 11 de outubro de 2017. Disponível em <[https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3562/Artigos%20Humanidades\\_%20321-332.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3562/Artigos%20Humanidades_%20321-332.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em 31 mai. 2021

SANTOS, Magda Guadalupe dos. **Simone de Beauvoir. Não se nasce mulher, torna-se mulher**. V. 1, n. 2. Belo Horizonte: Sapere Aude, 2010, p. 108-122.

SAWAYA, Ana Lydia; ALBUQUERQUE, Maria Paula de; DOMENE, Semiramis Martins Álvares. **Violência em favelas e saúde**. Scielo Brasil, maio/agosto de 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180041>> Acesso em: 31 mai. 2021.

SILVA, Jacicarla S. da. Panorama da crítica feminista: Crítica feminista no Brasil. **Patrimônio e Memória**. São Paulo: UNESP, p. 41- 49, 2009. Disponível em:

<<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/100>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

SOARES, Barbara Cobo. ODS 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. LOSCHI, Marília. **Revista Retratos**, 27 jul. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/17064-ods-5-alcancar-a-igualdade-de-genero-e-empoderar-todas-as-mulheres-e-meninas>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

YAGUELLO, Marina. Introdução. IN: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC, 2006.

YZALÚ. Mulheres negras. **Youtube**, 19 de novembro de 2012 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=122kwdWN-v0>>. Acesso em: 06 dez. 2020 (3:41 min.).

**ANEXO A: LETRA DA MÚSICA “RAÍZES” – (NEGRA LÍ PART. RHEL)**

Você ri da minha pele  
Você ri do meu cabelo  
Saravá, sou sarará, e assim quero sê-lo (quero sê-lo)  
Já é tempo de sonhar, superar o pesadelo  
Ninguém mais vai nos calar e acorrentar o meu tornozelo  
Sou Rainha de Sabá  
A coroa é o meu cabelo  
O meu canto milenar  
Ninguém pode interrompê-lo  
Minha dor é de cativoiro  
A sua é de cotovelo  
Minha dor é de cativoiro  
A sua é de cotovelo  
Temos a cor da noite, filhos do açoite, tipo Usain Bolt  
Ninguém pode alcançar  
E nada nos cala, já foi a Senzala, já tentaram bala  
Ninguém vai nos parar  
Filhos de Luanda vindos de Wakanda, hoje os pretos manda  
Cê vai ter que escutar  
Por mais heroína com mais melanina, tipo Jovelina  
Pretas são pérolas  
Eu venci o preconceito e fiz de um jeito  
Que vários se inspiram em mim  
Com muita resistência, virei referência  
Pra outros que vem de onde eu vim  
Da Brasilândia pro Brasil inteiro  
Hoje sirvo de modelo  
É preciso respeitar  
Minha pele, meu apelo  
Minha dor é de cativoiro  
E a sua é de cotovelo  
Minha dor é de cativoiro

E a sua é de cotovelo  
A minha dor, ai ai ai  
Vários passou por ela  
Teresa de Benguela  
Teve também Mandela  
Eu vi várias favela  
Só quem carrega a dor  
Foi de cana a cortador  
Sabe o peso, o valor  
Do que se refere  
Axé e muito amor  
Com batuque de tambor  
Pro meu ancestral Nagô  
Meu passado me fere, -ere  
É hora de se libertar, redenção  
Rainha de Sabá juntou Rei Salomão  
Para exaltar, para louvar a cor em questão  
E acalmar o seu coração  
Minha dor é de cativo  
E a sua é de cotovelo  
Minha dor é de cativo  
E a sua é de cotovelo

Composição: Duani / Fábio Brazza / Negra Li / Vulto.

(Fonte: < Raízes (part. Rael) - Negra Li - LETRAS.MUS.BR >)

**ANEXO B: LETRA DA MÚSICA “MULHERES NEGRAS” - YZALÚ**

Enquanto o couro do chicote cortava a carne  
A dor metabolizada fortificava o caráter  
A colônia produziu muito mais que cativos  
Fez heroínas que pra não gerar escravos, matavam os filhos  
Não fomos vencidas pela anulação social  
Sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial  
O sistema pode até me transformar em empregada  
Mas não pode me fazer raciocinar como criada  
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo  
As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo  
Lutam pra reverter o processo de aniquilação  
Que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão  
Não existe lei maria da penha que nos proteja  
Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza  
De ler nos banheiros das faculdades hitleristas  
Fora macacos cotistas  
Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão  
Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação  
Navios negreiros e apelidos dados pelo escravizador  
Falharam na missão de me dar complexo de inferior  
Não sou a subalterna que o senhorio crê que construiu  
Meu lugar não é nos calvários do Brasil  
Se um dia eu tiver que me alistar no tráfico do morro  
É porque a lei áurea não passa de um texto morto  
Não precisa se esconder, segurança  
Sei que cê tá me seguindo, pela minha feição, a minha trança  
Sei que no seu curso de protetor de dono praia  
Ensinarão que as negras saem do mercado com produtos embaixo da saia  
Não quero um pote de manteiga ou de xampu  
Quero frear o maquinário que me dá rodo e uru  
Fazer o meu povo entender que é inadmissível  
Se contentar com as bolsas estudantis do péssimo ensino

Cansei de ver a minha gente nas estatísticas  
Das mães solteiras, detentas, diaristas  
O aço das novas correntes não aprisiona minha mente  
Não me compra e não me faz mostrar os dentes  
Mulher negra não se acostume com termo depreciativo  
Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino  
Nossos traços faciais são como letras de um documento  
Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos  
Fique de pé pelos que no mar foram jogados  
Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados  
Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria  
É atrair gringo turista interpretando mulata  
Podem pagar menos pelos mesmos serviços  
Atacar nossas religiões, acusar de feitiços  
Menosprezar a nossa contribuição para a cultura brasileira  
Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele negra  
Mulheres negras são como mantas kevlar  
Preparadas pela vida para suportar  
O racismo, os tiros, o eurocentrismo  
Abalam mais não deixam nossos neurônios cativos

Composição: Eduardo Facção Central

(Fonte: <Mulheres Negras - Yzalú - LETRAS.MUS.BR>)

**ANEXO C: “NÃO PRECISA SER AMÉLIA” – BIA FERREIRA**

Estrela que brilha, clareia a trilha  
Ilumina e guia o meu caminhar  
Alumeia um pouquinho esse meu caminho  
Me dê uma luz, tá difícil enxergar  
Quanto mais eu ando, mais escuro fica  
Me dê uma dica pra poder seguir  
Não sei o que faço  
Se ando, se paro, se corro, se sigo, se fico aqui  
Tome minha boca pra que eu só fale  
Aquilo que eu deveria dizer  
A caneta, a folha, o lápis  
Agora que eu comecei a escrever  
Que eu nunca me cale  
O jogo só vale quando todas as partes puderem jogar  
Sou mulher, sou preta, essa é minha treta  
Me deram um palco e eu vou cantar  
Canto pela tia que é silenciada  
Dizem que só a pia é seu lugar  
Pela mina que é de quebrada  
Que é violentada e não pode estudar  
Canto pela preta objetificada  
Gostosa, sarada, que tem que sambar  
Dona de casa limpa, lava e passa  
Mas fora do lar não pode trabalhar  
A dona de casa limpa, lava e passa  
A dona de casa  
Não precisa ser Amélia pra ser de verdade  
Você tem a liberdade pra ser quem você quiser  
Seja preta, indígena, trans, nordestina  
Não se nasce feminina, torna-se mulher

E não precisa ser Amélia pra ser de verdade  
Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser  
Seja preta, indígena, trans, nordestina  
Não se nasce feminina, torna-se mulher  
E não precisa ser Amélia pra ser de verdade  
Cê tem a liberdade pra ser quem você quiser  
Menos preta, indígena  
Não se apropria  
Quer ser preta dia a dia  
Pra polícia cê num é

Composição: Bia Ferreira

(Fonte: < Não Precisa Ser Amélia - Bia Ferreira (letra da música) - Cifra Club >)

**ANEXO D: OLHOS COLORIDOS – SANDRA DE SÁ**

Os meus olhos coloridos  
Me fazem refletir  
Eu estou sempre na minha  
E não posso mais fugir  
Meu cabelo enrolado  
Todos querem imitar  
Eles estão baratinados  
Também querem enrolar  
Você ri da minha roupa  
Você ri do meu cabelo  
Você ri da minha pele  
Você ri do meu sorriso  
A verdade é que você  
Tem sangue crioulo  
Tem cabelo duro  
Sará crioulo  
Sará crioulo  
Sará crioulo  
Sará crioulo  
Sará crioulo

Composição: Macau

(Fonte: <Olhos Coloridos - Sandra de Sá - LETRAS.MUS.BR>)

**ANEXO E - “AI QUE SAUDADES DA AMÉLIA” – MARIO LAGO E ATAULFO ALVES**

Nunca vi fazer tanta exigência  
Nem fazer o que você me faz  
Você não sabe o que é consciência  
Não vê que eu sou um pobre rapaz  
Você só pensa em luxo e riqueza  
Tudo o que você vê, você quer  
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia  
Aquilo sim é que era mulher  
Às vezes passava fome ao meu lado  
E achava bonito não ter o que comer  
Quando me via contrariado  
Dizia: Meu filho, o que se há de fazer!  
Amélia não tinha a menor vaidade  
Amélia é que era mulher de verdade

Composição: Ataulfo Alves / Mario Lago

(Fonte: < Ai, Que Saudades da Amélia - Mário Lago - LETRAS.MUS.BR>)